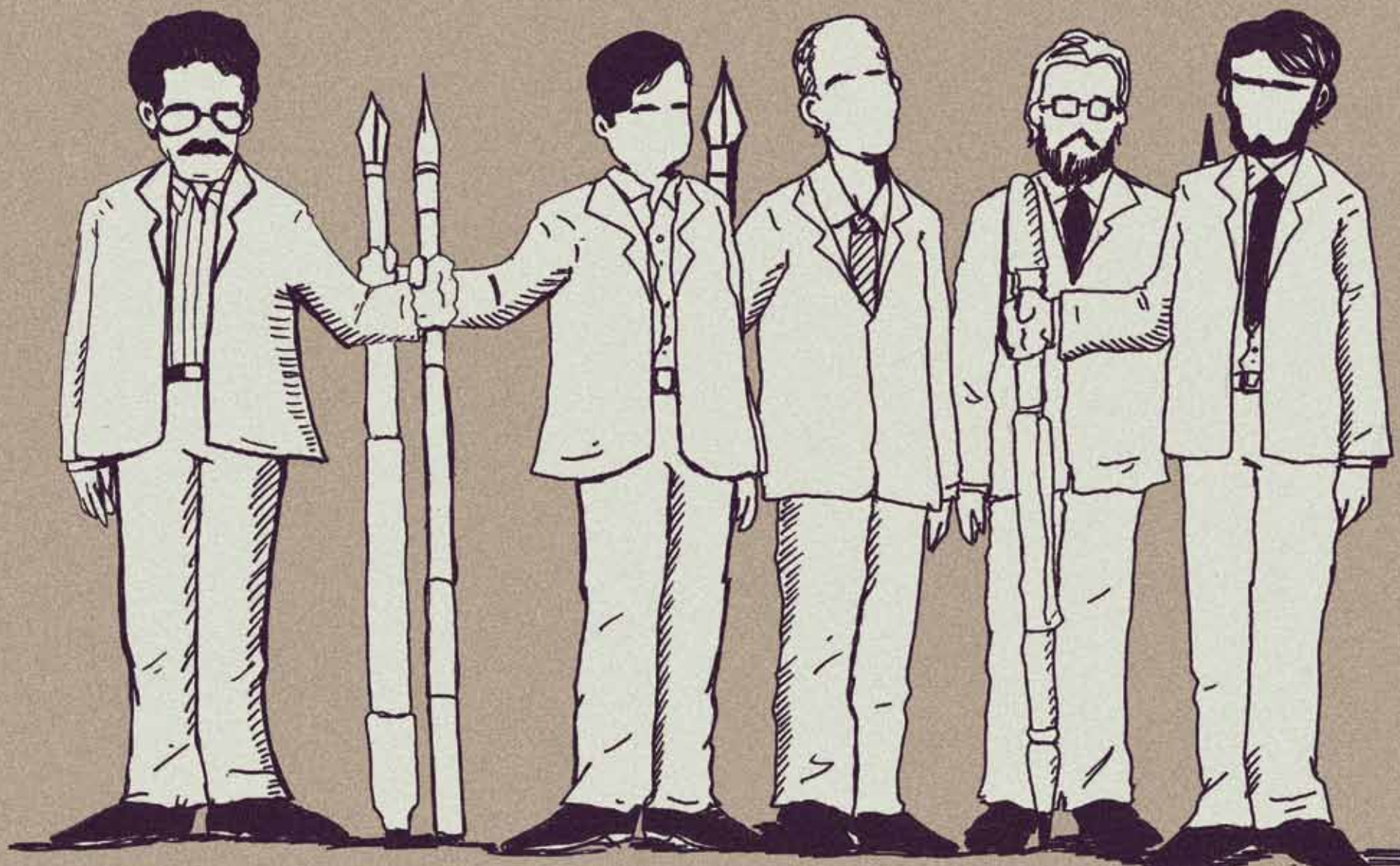


Continente reinventado

Surgido em um momento de esgotamento do romance, o boom latino-americano deu novo frescor à longa narrativa e ainda hoje desperta interesse em leitores no mundo todo





EDITORIAL

Entre as décadas de 1960 e 1970, teóricos afirmavam que a narrativa ficcional estaria esgotada, até porque, especialistas tinham quase certeza, após as experiências de James Joyce, com os romances *Ulysses* (1922) e *Finegan's wake* (1939), que não haveria mais nada a ser feito. Foi naquele contexto que alguns autores da América Latina surpreenderam o mundo publicando uma nova ficção que encontrou ressonância entre a crítica e o público leitor.

A projeção de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier e Julio Cortázar, entre outros escritores, é conhecida como o boom literário latino-americano — tema da edição de maio do **Cândido**.

A reportagem do jornal consultou três dos mais renomados professores que estudam o assunto: Ana Cecília Olmos, da Universidade de São Paulo (USP), Claudio Celso Alano da Cruz, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Maurício de Bragança, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Eles explicam o que o boom representa, qual o impacto da produção literária e também comentam a sombra que García Márquez, Llosa, Fuentes e Cortázar deixaram para os nomes das gerações recentes, que publicaram antologia e manifesto em busca de visibilidade.

Laura Janina Hosiasson, professora de Literatura Hispano-americana na Universidade de São Paulo (USP), assina um ensaio inédito sobre o boom e a equipe do **Cândido** apresenta 10 títulos para os leitores interessados em conhecer ainda mais a produção dos autores que, literariamente, reinventaram a América Latina.

O jornal também publica um fragmento de *O uruguaio*, novela do escritor argentino Copi (1939-1987) — que deve ser lançada no Brasil ainda em 2015 pela Rocco, com tradução de Carlito Azevedo. É uma história do contista argentino Pablo Ramos, traduzido por Mariana Sanchez, completa o especial.

Boa leitura!

CARTUM Benett



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



Há uns bons dez anos, moram na minha cabeceira edições de bolso já amareladas de *Uma temporada no inferno*, de Arthur Rimbaud, e *A hora dos assassinos*, de Henry Miller. Não é coincidência que o segundo livro trate do autor do primeiro, o poeta que escreveu suas obras-primas entre os 15 e os 18 anos e abandonou a literatura em nome da vida. Miller fez o oposto: mergulhou "no ato de escrever com o mesmo fervor e entusiasmo com que mergulhara na vida". É sempre a ambos que recorro quando, diante de alguma encruzilhada, não sei qual caminho tomar para seguir fazendo poesia — sem jamais escrever versos.

Alexandre Lucchese é repórter do Segundo Caderno do jornal *Zero Hora*. Vive em Porto Alegre (RS).

Divulgação



2001 — Uma odisséia no espaço foi, para mim, um abrir de portas para pensar o futuro. Diferente do filme, que é extremamente simbólico, o livro é detalhado e descritivo, foca com bastante precisão na física (estilo de ficção científica que, hoje, é comum). Suas previsões hoje se mostram inocentes em alguns pontos, mas o clímax do livro revela premonições muito mais profundas sobre o lugar do ser humano no universo: a nossa solidão, o trans-humanismo, a transcendência do corpo humano, etc. O *timing* lento, mas sempre crescente, da ciência, a revolução de pensamento a cada descoberta e a óbvia aventura de uma viagem espacial, fizeram-me rever a trajetória da nossa espécie como uma história grandiosa e épica, ainda que fortemente conturbada e centrada demais em si mesma.

Rafael de Andrade é fotógrafo, acadêmico e estudante de jornalismo. Vive em Curitiba (PR).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:
Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação
Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque
e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:
Benett, Bianca Franco, Daniel Castellano, Dê Almeida, Felipe Franco Munhoz, Copi, Laura Janina Hosiasson, Kraw Penas, Mariana Sanchez, Marília Costa, Marluce Reque, Pablo Ramos, Paulo Venturelli e Richard Bischof.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



CURTAS DA BPP

Cândido no Medianeira

A partir deste mês, o **Cândido** passa a ser distribuído aos alunos de ensino médio do colégio Medianeira, em Curitiba. Com tiragem mensal de 10 mil exemplares, o jornal, além do Medianeira, é distribuído gratuitamente na Biblioteca

Pública do Paraná e em diversos pontos de cultura de Curitiba. Também circula em todas as bibliotecas públicas e escolas de ensino médio do Estado. É enviado, via correio, para assinantes a diversas partes do Brasil.



Sobre heróis líquidos e efêmeros

A escritora curitibana Luci Collin lança ainda no primeiro semestre de 2015 seu 15º livro. Trata-se de *Nossa senhora D'Aqui*, uma longa narrativa que sai pela Arte & Letra. De acordo com a autora, a obra é um romance tragicômico que brinca com a literatura canônica (por exemplo, “adapta” o épico *Eneida*, de Virgílio, à realidade pós-moderna). “Tem duas partes em espelho e a segunda refaz ou desfaz o que foi contado na primeira. Os personagens, moradores de ‘Aqui’ (local escolhido por um índio), orbitam ao redor de Frau Homera — aquela Grande Avó (ou bisavó) estrangeira que muitos de nós brasileiros temos”, explica Luci. Narrativa fragmentada, *Nossa senhora D'Aqui* expõe a condição do sujeito contemporâneo, definido pela autora como “herói líquido e efêmero”.

Fotos no MAC

Está em cartaz no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) a exposição “A fotografia no acervo do MAC/PR”, que reúne trabalhos de diversos artistas brasileiros. A mostra permanece até 13 de setembro de 2015 e a entrada é gratuita. A exposição apresenta obras de artistas como João Urban, Juliana Stein, Macaxeira, Nego Miranda, Orlando Azevedo, Daniel Katz (Foto) e Vilma Slomp.



Daniel Katz

Além do que os olhos mostram

A seção Braille da Biblioteca Pública do Paraná promove, no dia 8, às 15h, o lançamento do livro *Além do que os olhos mostram*, de Talita Fernanda Silva Bolduan. O livro aborda a vida de Vanusa, uma jovem que, após um acidente, perde

a visão e tem que lidar com sua nova vida. Haverá também uma palestra com a autora, que vai falar sobre o livro e a inclusão do deficiente visual na sociedade. O evento acontece no auditório Paul Garfunkel e tem entrada franca.

Anarquista graças a Deus



Kraw Penas

O escritor Wilson Rio Apa, figura marcante da cultura paranaense, esteve em Curitiba no último mês de abril para distribuir 400 exemplares dos 32 livros que escreveu ao longo de 90 anos. Entre os títulos distribuídos e autografados, estavam obras como *Um menino contemplava o rio: introdução ao amanhã* (1956),

No mar das vítimas (1968), *O menino e o presidente* (1970) e *O povo do mar*. Também dramaturgo, Rio Apa formou, nos anos 1970, uma comunidade de teatro popular em Antonina, litoral do Paraná. Isolado da vida cultural paranaense, o escritor vive há mais de 20 anos na Praia da Pinheira, em Palhoça (SC).

As duas vidas de um modernista

Autor da primeira biografia de Mário de Andrade, **Eduardo Jardim** fala de sua pesquisa e do legado do intelectual para a cultura brasileira

OMAR GODDY

Os 70 anos da morte de Mário de Andrade (1893-1945), completados no último mês de fevereiro, não estão passando em branco. Desde o começo do ano, o escritor, ensaísta, crítico, folclorista e gestor cultural paulista está no centro de uma série de eventos, exposições e resgates literários que devem culminar em julho, quando Andrade será o homenageado da 13ª edição da Festa Literária Internacional de Parati (Flip). No campo editorial, o grande destaque desse pacote é *Eu sou trezentos — Mário de Andrade: vida e obra*, a primeira biografia “para valer” do modernista.

Muitos outros livros sobre sua trajetória e legado foram publicados ao longo dos anos, mas nenhum tão completo quanto o volume de 250 páginas lançado pela Edições de Janeiro, em parceria com a Biblioteca Nacional. O responsável por esse trabalho de fôlego é o filósofo, professor e pesquisador carioca Eduardo Jardim, mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutor pela Universidade Federal do mesmo estado (UFRJ).

Interessado pelo autor de *Macunaíma* há quase 50 anos, ele já havia



escrito *Limites do moderno: o pensamento estético de Mário Andrade* (1999) e *Mário de Andrade: a morte do poeta* (2005). Desta vez, conclui a pesquisa com uma obra que associa o percurso pessoal do biografado com seu projeto cultural para o Brasil — enfatizando sua personalidade conflituosa. Na entrevista a seguir, Jardim conta como foi o processo de produção do livro e analisa o significado da obra de Andrade (“O ‘papa’ do modernismo e certamente a principal figura de intelectual do Brasil do século XX”, nas palavras dele).

Como você começou a se envolver com a obra e o personagem Mário de Andrade? O que mais chamou sua atenção?

Meu contato com a figura e a obra de Mário de Andrade começou no final dos anos 1960, quando era estudante universitário. Naquela época, o modernismo era a referência principal para um debate muito intenso sobre arte e cultura no Brasil — como no Tropicalismo, na adaptação de *Macunaíma* para o cinema, por Joaquim Pedro de Andrade, na montagem pelo grupo Oficina de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. A Antropofagia de Oswald de Andrade era muito valorizada e Mário era menos prestigiado. Ele era visto como um autor menos inovador, em confronto com o Oswald vanguardista. Nunca aceitei essa qualificação. Eu via Mário de Andrade como uma figura muito mais complexa e interessante, poliédrica, como disse Alceu Amoroso Lima. Lembro como fiquei emocionado com a leitura das páginas finais da conferência *O movimento modernista*, em que ele faz uma dura crítica de si mesmo. Ali havia um homem com forte personalidade e extremamente complexo que eu quis conhecer.

Quando fui fazer o mestrado e o doutorado, pude examinar mais de perto meu personagem. Os trabalhos tratavam do modernismo em geral, mas claramente a figura de Mário de Andrade era a mais importante. Depois voltei a ele, introduzindo uma perspectiva biográfica, mas só agora em *Eu sou trezentos* consegui dar conta da vida toda.

Durante anos foi dito que o grande entrave para a produção e publicação de uma biografia de Mário de Andrade era sua suposta homossexualidade. Era esse mesmo o problema? Como você resolveu a questão?

Não há documentos sobre o assunto. É possível que as referências contidas nas cartas tenham sido suprimidas e até conjuntos inteiros de cartas podem ter sido destruídos. Há, por outro lado, uma quantidade enorme de depoimentos que por serem informais têm que ser tratados com muito cuidado. O interesse, a meu ver, excessivo pelo assunto foi alimentado, de um lado, pela censura dos amigos próximos de Mário de Andrade e também por um certo sensacionalismo. Hoje não precisamos tratar disso como algo bizarro ou escandaloso. No livro preferi abordar o tema de outro modo. Recuperei as passagens na obra que fazem referências à homossexualidade, como na poesia e no conto “Frederico Paciência”, de *Contos novos*. A poesia tem certamente um viés biográfico; o conto, que narra a história do amor frustrado entre dois rapazes, é um libelo contra a hipocrisia e a repressão sexual em um ambiente acanhado de classe média. No meu entender, mais importantes que a homossexualidade, foram as tensões vividas por Mário de Andrade entre o que ele chamou de *vida de cima*, com seus ideais elevados,

e a *vida de baixo*, sensual e instintiva. Foram estes conflitos, vividos às vezes com sofrimento, que atravessaram e deram intensidade à obra do escritor.

Como foi sua relação com os herdeiros do biografado? Soube que um deles leu o material previamente. Você precisou negociar com ele alguma alteração no livro?

Não pedi a ninguém autorização para escrever ou publicar o livro. Quando a editora precisou de uma autorização para usar as imagens, fiz contato com Carlos Augusto Camargo, sobrinho de Mário de Andrade e o visitei em São Paulo. Tomei a iniciativa de deixar com ele uma versão do livro, que ele leu prontamente. Em seguida, me enviou uma carta que guardo como uma preciosa apreciação do meu trabalho. Temos uma relação muito cordial. Poucos dias depois da minha ida a São Paulo, descobri na Biblioteca Nacional, no Rio, um artigo de seu pai, Eduardo Camargo, *Mário de Andrade – meu cunhado*, que é um comovente retrato do poeta, e que enviei para Carlos Augusto, que não o conhecia.

Qual foi a importância, para a sua pesquisa, das cartas que Mário de Andrade trocou ao longo da vida com outros intelectuais brasileiros?

As cartas são muito importantes, como já tinha anunciado Antonio Candido em 1946. Mário de Andrade escreveu cartas a vida toda e para muita gente. Os dois principais interlocutores foram Manuel Bandeira e Drummond. Há todo tipo de carta: para amigos, de trabalho, confessionais, de difusão do programa modernista, para a família... Muita coisa já foi publicada, mas algumas cartas precisam ainda de divulgação, por exemplo, as que enviou para

Divulgação



ENTREVISTA | EDUARDO JARDIM

Hélio Pellegrino. Mas para estudar Mário de Andrade não basta ler as cartas, é preciso conhecer o conjunto da obra.

Quais aspectos da história de vida, da trajetória pessoal de Mário de Andrade, têm maior reflexo em sua obra e posições como intelectual?

A vida de Mário de Andrade tem dois momentos muito diferentes — antes de 1938 e depois, até a morte, em 1945. Mário de Andrade foi um agitador do modernismo desde 1917. Definiu o programa de modernização na primeira fase, defendeu a bandeira da brasilidade, na segunda metade dos anos 1920, construiu uma noção de arte social, que tentou concretizar na direção do Departamento de Cultura de São Paulo, em 1935. Seu afastamento da direção do Departamento foi o momento de maior frustração da sua vida. Ele determinou tudo que aconteceria depois, como a avaliação negativa que fez do movimento de que tinha sido o líder e também da sua trajetória de vida.

A relação dele com Oswald de Andrade é sempre classificada como “conturbada”. O que a sua pesquisa trouxe à tona sobre esse assunto?

Oswald de Andrade lançou publicamente o nome de Mário de Andrade como poeta, no artigo “Meu poeta futurista”, e como ensaísta. Os primeiros anos da amizade dos dois foram estimulantes. A partir de 1924 eles começaram a divergir na concepção de Brasil. Mário de Andrade reagiu negativamente a alguns aspectos do “Manifesto da poesia Pau-Brasil”. Mas não houve nesta altura uma ruptura. O clima se deteriorou com a publicação na *Revista de Antropofagia*, na segunda edição, em 1929, de uma série de artigos extremamente agressivos contra Mário de Andrade. A ruptura se deu

neste momento. Oswald de Andrade sempre buscou se reconciliar com Mário. Este nunca se dispôs a uma reaproximação. Ele disse que era um assassino em espírito — se visse Oswald se afogando, nem ia jogar um pedaço de pau para o salvar.

Quando escreveu e lançou *Macunaíma*, Mário de Andrade tinha ideia de que o livro seria tão grande, tão conhecido? Que avaliação ele fez da obra nos anos seguintes?

Mário de Andrade escreveu a primeira versão do livro em seis dias, na chácara do Tio Pio [Pio Lourenço Corrêa, na verdade marido de uma prima do escritor], em Araraquara, em 1926, tomado de forte emoção. Depois, trabalhou no livro até maio de 1928. Ele certamente sabia da importância do livro para

o programa de nacionalização da arte no país e achava que era único na sua obra. O livro teve uma edição pequena, de 800 exemplares, e só ganhou uma segunda edição em 1936, mas teve uma repercussão grande na imprensa. Mário de Andrade lamentou algumas vezes que *Macunaíma* tivesse sido lido apenas como um livro engraçado, sem que se levasse em conta sua complexidade e a intenção crítica do retrato do Brasil que ele continha. Há um importante depoimento do autor, em uma carta a Fernando Sabino, em que ele lamenta a incompreensão que cercava seu livro, a ponto de afirmar que *Macunaíma* era uma “obra-prima” que falhou.

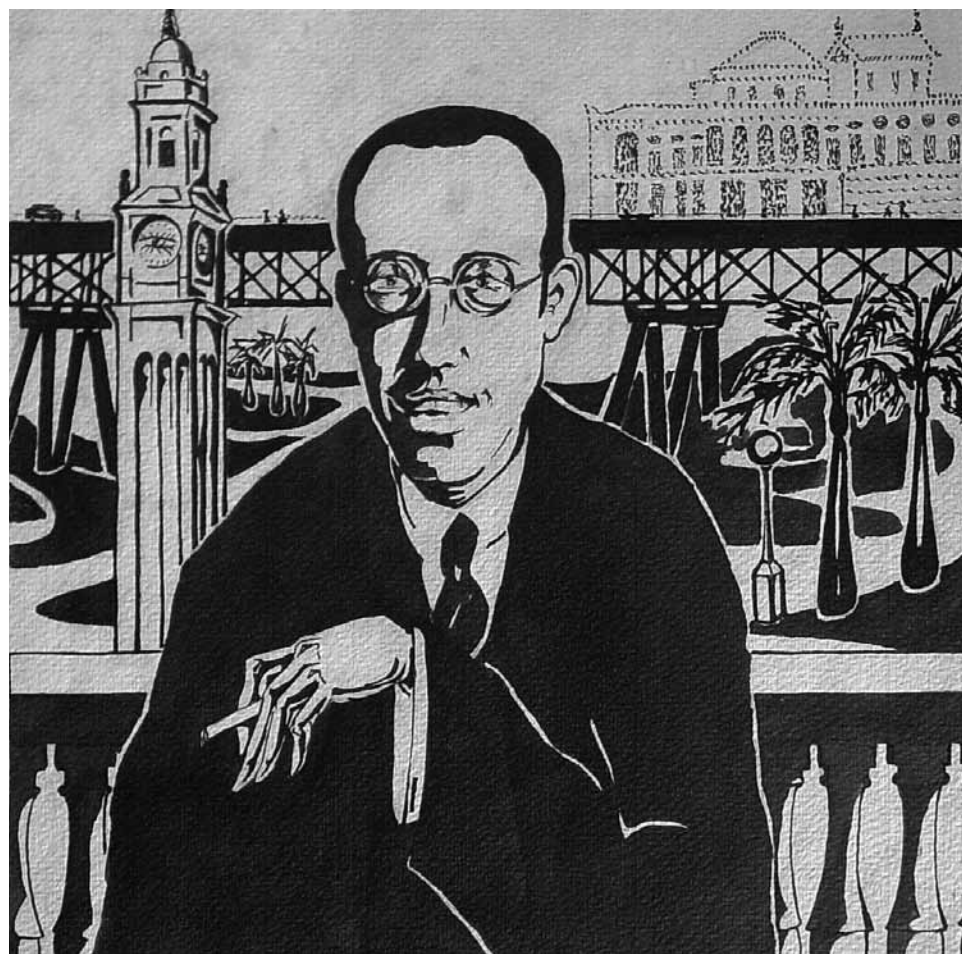
Algumas figuras importantes da literatura brasileira (como Affonso Romano de Sant’Anna, só pra ficar

num exemplo) afirmam que a obra poética de Mário de Andrade não tem o reconhecimento que merece. Qual a sua opinião?

É verdade, a poesia de Mário tem sido pouco lida, sobretudo nas últimas décadas. Há uma declaração de Drummond, de 1942, depois da publicação de *Poesias*, que traz uma explicação para a dificuldade da sua leitura e que é também um desafio para o leitor de hoje. Ele diz: “Acho que sua obra poética está guardada para uma aceitação futura integral, tanto mais quanto nela é mínima a porção capaz de obter agrado fácil e imediato”. Para quem quiser medir a força da poesia de Mário de Andrade, sugiro a leitura de seu último poema, *A meditação sobre o Tietê*, uma espécie de testamento poético.

Mário de Andrade realmente morreu frustrado, como dizem? Essa frustração tinha relação com sua própria trajetória ou com os rumos do Brasil?

“No meu entender, mais importantes que a homossexualidade, foram as tensões vividas por Mário de Andrade entre o que ele chamou de *vida de cima*, com seus ideais elevados, e a *vida de baixo*, sensual e instintiva.”



Retrato de Mário de Andrade feito por Zina Aita, em 1923.

Sim, Mário de Andrade viveu extremamente abatido nos últimos anos. Há um depoimento de Rubens Borba de Moraes, possivelmente de 1942, que descreve a figura de um homem derrotado, e ele mesmo confessou aos amigos seu abatimento. Mário de Andrade foi afastado da direção do Departamento de Cultura, com o Estado Novo; foi para o Rio, como professor na Universidade do Distrito Federal, que também foi fechada no ano seguinte. A direção do Departamento significou a concretização do projeto intelectual do escritor. Ele nunca se recuperou do trauma do seu afastamento. Nunca mais teve a oportunidade de participar da política cultural do país. A primeira metade dos anos 1940 foi terrivelmente conturbada na política, tanto no país como no mundo. Mário de Andrade foi afetado também por tudo isso e morreu sem ver o desdobramento destes acontecimentos.

O Brasil conseguiu “entender” o modernismo como deveria? Qual a real dimensão do movimento (e da participação do seu biografado) para o país?

O modernismo continuou sendo a principal referência para se discutir cultura brasileira e sua história recente. No modernismo foram definidos temas e problemas que continuam interessando: o anti-academicismo do modernismo inicial, a especificidade da cultura brasileira (no segundo tempo do movimento), a elaboração de uma linguagem artística nacional, a questão da dimensão social da arte. A contribuição de Mário de Andrade em todos estes aspectos foi central. Ele foi mesmo o “papa” do modernismo e certamente a principal figura de intelectual do Brasil do século XX. Mário tinha uma visão universalista do projeto



Mário de Andrade (o primeiro, à esquerda) em viagem pela floresta amazônica em 1927.

modernista, imaginava o Brasil inserido no concerto universal, teve uma visão “transversal” da cultura, pretendendo pôr em contato contextos culturais diferentes — cultura erudita e popular, tradicional e moderna. Ao mesmo tempo, para entendermos nosso modernismo e Mário de Andrade, temos que medir a distância que nos separa dele. Só assim vamos compreender o significado da sua obra e iremos ver de forma desimpedida nossa própria situação. Já não somos contemporâneos de Mário de Andrade!

E como gestor cultural, que legado ele deixou?

A atuação de Mário de Andrade à frente do Departamento de Cultura precisa ser discutida. Foi uma experiência única. A noção de expansão cultural foi a diretriz de suas iniciativas. Ela significava difundir a cultura

para toda a população e integrar a produção cultural de todos os grupos em uma definição ampla de cultura. Ele fez tantas coisas! Bibliotecas, parques, concertos, pesquisas em nível nacional, já que a ideia era implantar um Instituto Nacional de Cultura, no caso da vitória do candidato da oposição nas eleições de 1938. Do ponto de vista da história pessoal, a chefia do Departamento assegurou para Mário de Andrade o sentido de sua vocação. É preciso avaliar o legado do escritor neste aspecto, mas não repetir automaticamente suas soluções.

Você acompanha o processo de reedição das obras de Mário de Andrade? O que vem por aí?

Sim, recentemente foi publicada uma edição das poesias completas, finalmente. Os poemas estavam muito mal editados, o que prejudicava

muito o acesso a eles. Também foram publicados novos volumes da correspondência — com Sérgio Buarque, Luiz Camillo, os intelectuais argentinos. Sei que deve sair uma edição nova de *O turista aprendiz*, com mais material. Espero que no próximo ano, quando a obra entrar em domínio público, apareçam novidades e surpresas. Há um interesse grande por Mário de Andrade nesse momento, por sua obra, seus projetos e sua vida.

Qual é o seu próximo projeto de livro? Pensa em produzir outra biografia?

Outra biografia agora não. Tenho o projeto de escrever um livro sobre os anos 1970. Era jovem naquela época e percebo que a história ainda não está contada. Gostaria de focar a produção literária e musical naqueles anos muito difíceis da nossa história recente. ■

Ilustração: **Richard Bischof**

MENTIRAS

— Marina, mar de minha sina, morfina desta carne. Minha morte, minha ruína. Ma-ri-na: os lábios explodindo, a língua cambaleando pela boca.

— É, acho que você deveria ligar para sua amiga psicanalista. Ainda mais se já está antevendo o que pode acontecer.

— Ontem, quando fui embora daqui, fui direto encontrá-la.

— A psicanalista? Para uma sessão de Campari?

— Encontrar Marina, Philip. Correndo. Uma visitinha rápida. Começo de semestre, preparação das aulas. Fui embora de lá e ainda consegui ficar mais tempo na Thaís; ela está comportada, passiva, não tem falado sobre aqueles assuntos. Philip, sinto que estou produzindo com fôlego renovado. Ah, e Marina também escreve.

— Olha só.

— Não seja irônico.

— Nunca. Se você me permitir, quantos anos ela tem?

— Minha idade.

— [suspirando] Bom.

— Por isso a língua não salta pelo céu da boca e tropeça de leve, no terceiro, contra os dentes; cambaleia. Posso ler um trecho, afinal? *Pequenos prazeres da vida em família.*

— Vá em frente.

— É separado em tópicos. Por

exemplo: *Um. A briga pela atenção da genitora.*

— [risos] Vá em frente. É possível contrariar um homem assim?

— Feriados em família resultam, tiro e queda, na briga pelo amor materno. Dizemos Mãe você não está me olhando, aqui Marina inseriu uma barra, Mãe a culpa é minha? Assim tentamos fazê-la sentir-se muito culpada com a situação. É essencial brigar com seus irmãos, barra, irmã, ou tentar fazer com que eles também se sintam culpados, traço, o que não é um trabalho de Hércules. É cabível chorar, barra, gritar, barra, espernear entre as já mencionadas frases de efeito. [risos] *Seis. Irritar o patriarca.* O senhor nosso pai é um homem muito previsível. Sendo, portanto, muito prazeroso e fácil de irritá-lo. Basta puxar sua barba ou um comentário ofensivo a Herzl e pronto. Frente aos amigos *dele*, a diversão é ainda maior.

— Como foi o seu dia?

— Cansativo, Thaís. Saí do trabalho e fui direto visitar um amigo para conversarmos sobre literatura.

— Você gosta disso, não é?

— Sim. E ainda tenho um jantar de.

— Hoje? São cinco para as onze!



— Em cinco minutos.

— Ainda apaixonado?

— Claro. Desta vez é para valer.

— Fale sobre ela.

— Tem olhos verdes; cabelos castanhos até os ombros; a pele macia espalhada pelo corpo todo. É, também, carinhosa: a mulher mais carinhosa que já conheci. Tão meiga no íntimo como na aparência. Que habilidade! Que calma! Que *sensatez*! Para mim, tão sedutora quanto Thaís. Mas nesse ponto acaba a semelhança. Atitude, segurança e decisão, porém, em Marina, tudo isso ordenado em favor de algo mais do que uma aventura sibarita. Leciona hebraico, inglês e dança tradicional. No entanto, para uma pessoa que emana, nas suas atribuições, uma aura de recato, de presença plácida, serena e inexpugnável, ela é surpreendentemente inocente e franca sobre o lado pessoal de sua vida e em relação aos seus amigos; suas plantas; seus irmãos. Inclusive os textos em tópicos. Ela é tão reservada como uma robusta menina de dez anos. Em resumo, essa fina associação de uma sóbria segurança social, entusiasmos familiares e suscetibilidades juvenis é simplesmente irresistível. O que quero dizer é que *nenhuma resistência é necessária*.

Uma espécie de tentação à qual posso finalmente sucumbir.

— Isso não me é estranho. [risos]

Foi uma boa descrição, por sinal. Mas neste caso, sucumbir?

— Poderia pedi-la em namoro.

— Eu disse Sucumbir.

— Poderia casar-me com Marina. Chega?

— Sucumbir.

— Poderia converter-me. Chega?

— Chega.

— A borboleta continua no teto, [risos] foi mais rápida: está morando comigo.

— Borboleta negra tem algum significado?

— Não sei. Você se importa com isso?

— Não.

— No interior a gente perde alguns medos.

— Os medos urbanos? Minha mãe detesta mariposas, borboletas; mas nasceu no interior também.

— Deve significar mau presságio.

— Talvez, querida; talvez seja apenas uma homenagem nabokoviana.

— Amor, o que está fazendo? Homenagem? Nabokô?

— Vestindo as roupas. Eu preciso.

— Já?

— Fale mais sobre ela.

— É inocente, segura, franca.

Bom gosto musical, boa cultura. Contou-me sobre o Golem e sobre os Pogroms e sobre a Diáspora. Conhece um pouco de Hércules e Ulisses. Rara companhia agradável.

— Percebeu como já mudou o tom?

— O tom?

— Quando você descreveu a primeira noite com Marina, usou frases de poesia menor. *Guardou o sábado em meus braços. Olhos verdes que refletiam o céu já completamente estrelado*. Completamente apaixonado. *Ma-ri-na, mar de minha sina*. Ninguém fala assim, nem de modo romanceado.

— Sou poeta menor, perdoai. Estou sim. Acontece.

— Apaixonar-se pelo tema de pesquisa?

— É.

— Quantos livros sobre judaísmo você anda lendo?— Vários.

— Algum equivale a conhecer a sinagoga no *sabbath*, a casa judaica?

— Marina não é ortodoxa, você sabe. Tanto faz. É como qualquer mulher com quem já me relacionei. Da forma que você diz, [risos] parece que sou

um crápula: apenas buscando informações. Informação nenhuma. Achei que fosse ver mais judeus a caráter no Clube Israelita.

— A caráter?

— Na classificação de Marina, *urubus*.

— [risos] Urubus.

— Emprestei *O avesso da vida*, para ela.

— E?

— Aposto que alguns judeus ficaram revoltados. O personagem Lippman, por exemplo, todo caricatural, faz o mesmo discurso de muitas pessoas que conheço.

— Ela também fala com essa voz estridente que você tentou imitar?

— [risos] Não é o tom de sempre? O mesmo fio, da mesma cor.

— Apenas distorcido.

— Como sempre. Tentei levar adiante a conversa sobre Lippman, mas achei melhor não discutir. Parece que o pai dela é sociólogo. Sionista, se não me engano.

— Melhor não discutir.

— E Lippman sionista. Acredito que *ela* sionista. Ou humanista.

— Melhor *não* discutir.

— Ou pesquisar melhor. Estou pensando em conhecer a sinagoga dos Urubus.

ROMANCE | FELIPE FRANCO MUNHOZ

— Você não vai conseguir. Precisarás arrumar, primeiro, uma namorada ortodoxa.

— E isso eu posso conseguir?

— Não.

— É claro que não, e até por opção; estou feliz com Marina. Tudo bem, ainda há Thaís, mas Thaís ocupa uma posição diferente, entende? Pensei em começar tudo do zero. Recomeçar. Apenas com minha Bergman. Vir aqui durante as tardes, depois ir à casa de Marina. Então repensei e decidi manter Thaís. Não sei por quanto tempo, [risos] quantas páginas, mas talvez ela seja uma espécie de porto administrável.

— [risos] Thaís anda comportada. E, qualquer coisa, qualquer impasse, você apaga na próxima revisão.

— Administrável, não?

— Quer tomar um vinho?

— Não posso, querida.

— Angelica Zapata, Malbec, dois mil e quatro.

— Não posso.

— Você está vestindo as roupas?

Fiz aquela sobremesa de frutas vermelhas; aquela, você gosta.

— Querida, eu.

— Já?

— Como qualquer mulher com quem já se relacionou?

— Sim. Mas. Claro que sua casa é uma casa judaica.

— É?

— Aquela tira inclinada, sabe? Ela tem no batente da porta de entrada, no batente da porta do quarto.

— Sei.

— Aquele candelabro com sete castiçais. Dois ou três na casa, mas nunca vi acesos. Parece que decoração. O chão é de madeira, poderia causar um incêndio, não?

— Não.

— Madeira escura. Nenhum tapete, alguns quadros. Tem, em cima da geladeira, uma caixa de madeira.

— Escura também?

— Clara. Baixa, acredito que dez centímetros. Com uma vela dentro e mais algumas coisas que não consegui identificar. Você sabe, não quis pegar a caixa, não quis fazer minha visita parecer uma investigação. Mas na vela estava escrito *Bar mitzvah*. Em alguma oportunidade melhor eu pergunto.

— Certo.

— Um grande tocador de vinil no quarto.

— Oposto ao aparelho de som cristão.

— Exato. E Marina tem alguns vinis de Israel, acredito. Em alguma oportunidade melhor eu investigo.

— [risos] Tenha calma com o processo, Felipe.

— Fico pensando na Bahia. Será que os judeus baianos, de Salvador, acreditam em Iemanjá?

— Pouco provável.

— Mas aquele candelabro com sete castiçais não poderia servir para excelentes trabalhos?

— Felipe.

— Um trabalho que amaldiçoe *May you lose your faith and marry a pious woman*.

— Cuidado, [risos] cuidado.

— [risos] Dessa eu estou livre:

ela nasceu longe.

— Ainda bem.

— Ela nasceu longe, no Sul, e eu fugi das crenças. Fugi. O ponto é: Marina não poderia desejar que fosse perdida alguma fé já inexistente.

— No entanto, Felipe, talvez, você perder a fé que deposita em nada signifique passar a depositar fé em alguma coisa.

— Não tinha pensado por essa perspectiva.

— É.

— Ela disse que nossos filhos seriam judeus de qualquer maneira. Não haveria problema se casássemos.

— *A pious woman*.

— Será? Será que fui amaldiçoado?

— Marina faria isso? Duvido.

— A maldição, em todo caso, poderia resolver certas questões.

— Poderia?

— Não há uma situação que um homem apaixonado não consiga explorar em proveito próprio.

— Já, Felipe? Já?

— Philip, será que estou fazendo as coisas direito? Não deveria apagar Thaís de vez? Penso também se não deveria queimar este *Mentiras*. Queimá-lo e comprar uma casa afastada. Minha velha praia. Então penso quanto tempo uma pessoa pode passar olhando para o mar, mesmo sendo o mar que ela ama desde criança?

— É muito difícil dizer. E se você precisar do que está acontecendo?

— Das dúvidas, você diz? Mas eu não deveria, não sei, pedir Marina em casamento? Passaríamos a vida comendo peixes crus, *forshpeis*, não importa. Teríamos filhos judeus, felizes.

— O problema é ser dividido em dois. E não estou falando da vida dupla. Isso nunca mudará. Um Felipe não vive para o outro escrever?

— Vive. Mas, mas talvez uma casinha na praia.

— E o Felipe que escreve?

— Terá os sentimentos, o amor, não?

— Eu estou apenas sugerindo, ou talvez seja mais adequado dizer *pressupondo*, que uma vida pessoal desorganizada é provavelmente melhor para um jovem escritor. Melhor do que encher os pés de areia com uma aliança no dedo. Seu trabalho possui turbulência, que precisa ser alimentada. Naturalmente, não através de peixes frescos *kosher*. Você não pode sufocar o que é um dom.

— Estou entendendo.

— Vocês estão vivendo noites ótimas? Excelente. Mas entenda, aquele que forma um vínculo está perdido; entenda, não é o Felipe que vive quem pode escrever. O fato é que Felipe se matou, quando tudo perder a magia. E acredite: tudo perde a magia.

— Mesmo o amor, ou o mar, ou Marina?

— O mar estupendo. Talvez seja o único.

— Que dê vontade, sempre, de saltar do carro à beira-mar e sentar-se em qualquer banco voltado para ele. O mar estupendo.

— Talvez seja o único. Por estar constantemente mudando sem jamais mudar.

— Já o amor.

— E Marina, Thaís;

— Phoebe, Amy Bellette;

— Todas;

— Todas.

— O escritor não se pode repetir.

— Não adiantaria o peixe *kosher*

igual.

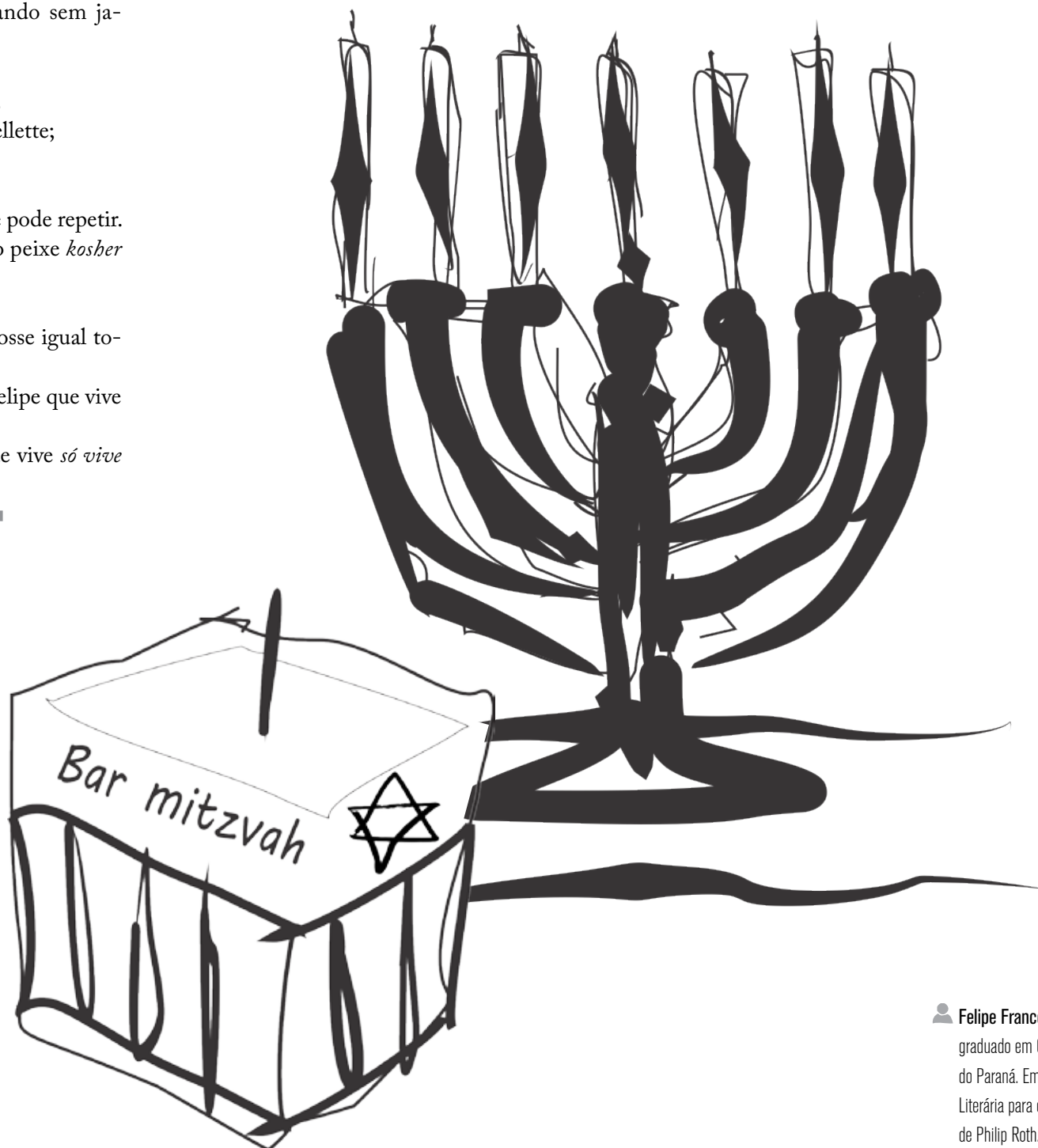
— Não.

— Pois se o peixe fosse igual todos os dias.

— O fato é que o Felipe que vive poderia suportar.

— Mas o Felipe que vive *só vive* para o outro escrever.

— Você entendeu. ■



👤 **Felipe Franco Munhoz** nasceu em São Paulo, em 1990. É graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. Em 2010, recebeu uma Bolsa Funarte de Criação Literária para escrever o romance *Mentiras*, inspirado na obra de Philip Roth. Vive em São Paulo (SP).

“Um Escritor na Biblioteca” em livro

Obra traz 16 autores brasileiros contemporâneos que participaram do evento entre 2012 e 2013



A Biblioteca Pública do Paraná, por meio do núcleo de edições da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), lança uma nova reunião de entrevistas do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. São 16 autores que, entre 2012 e 2013, participaram do bate-papo promovido pela BPP. O livro tem tiragem de mil exemplares e será distribuídos para todas as bibliotecas públicas do Paraná. Também estarão à venda na própria BPP.

A seleção de autores deixa evidente a diversidade da literatura brasileira contemporânea. Além de muito diferentes em sua maneira de tratar a escrita — tanto no conteúdo quanto na forma —, os autores presentes no volume também se caracterizam por trafegarem



Fotos: Guilherme Pupo

Luci Collin e Paulo Scott são alguns dos 16 autores que participaram do projeto Um Escritor na Biblioteca entre 2012 e 2013.

com habilidade por múltiplas linguagens no campo literário e cultural.

Daí a lista de entrevistados contempla biógrafos (Fernando Morais), tradutores (Rubens Figueiredo), poetas (Paulo Scott), jornalistas (Michel Laub) e artistas gráficos (Lourenço Mutarelli). Em comum, todos se dedicam à escrita de livros, em sua maioria de ficção.

A mescla de veteranos e novos talentos também torna a seleção mais heterogênea e plural, o que se revela a partir da presença do cearense radicado em Pernambuco Ronaldo Correia de Brito ao catarinense que vive há tempos na capital paranaense Roberto Gomes, incluindo a curitibana Luci Collin e o carioca Bernardo Carvalho.

Por essas razões, o conteúdo dos

bate-papos não fica restrito aos assuntos clássicos de entrevistas com escritores, tal como o método de trabalho, obsessões e influências. Política, música, ditadura militar, cinema, infância e teatro, enfim, uma gama imensa de temas se apresenta neste que é o terceiro volume da série de livros do projeto “Um Escritor na Biblioteca”.

Realizadas com a presença do público, as entrevistas são marcadas pelo tom informal e descontraído. Os 16 escritores falam sobre suas carreiras, êxitos e fracassos diante do desafio de criar ficção. E, apesar das perguntas serem bastante parecidas, as respostas são diferentes, revelando a peculiaridade do imaginário de cada um dos convidados. ■

Serviço

Livro:
Um Escritor da Biblioteca – 2012/2013
248 páginas, R\$ 20.
À venda na BPP.

Autores presentes

Bernardo Carvalho, Domingos Pellegrini, Edney Silvestre, Fernando Morais, Ignácio de Loyola Brandão, Joca Terron, João Gilberto Noll, Luci Collin, Lourenço Mutarelli, Luiz Vilela, Marcelo Backes, Michel Laub, Paulo Scott, Roberto Gomes, Ronaldo Correia de Brito, Rubens Figueiredo.

Muitas vozes

A seguir, confira trechos das entrevistas que fazem parte do terceiro volume da série “Um Escritor na Biblioteca”.

Fotos: Guilherme Pupo



FERNANDO MORAIS

Os temas e personagens de seus livros costumam gerar polêmica, despertar paixão e ódio. Como autor, quais os cuidados que tem diante dos assuntos com os quais trabalha?

O que são os Evangelhos? Não são nem versões, são visões diferentes do mesmo fato. Não há nada mais subjetivo do que a objetividade. O simples fato de você ter escolhido determinado tema já é algo subjetivo. Por que eu escrevi um livro sobre Cuba 40 anos atrás e não sobre o Vietnã? Já tem uma subjetividade aí. E isso vale para rigorosamente tudo. Eu abro o *Olga*, na apresentação do livro, falando que aquela é a minha história. Se você, na mesma época que eu, estivesse fazendo um livro sobre Olga Benário, provavelmente sairia uma história diferente. Isso porque você é diferente de mim, seu olho é diferente do meu. Sua formação é diferente da minha, e isso vai se refletindo na sua vida inteira, em todas as suas escolhas.

RUBENS FIGUEIREDO

A prática da tradução influenciou em sua maneira de escrever literatura?

Comecei a traduzir literatura russa por acidente, não foi nada premeditado. O primeiro autor que traduzi foi Tchekhov. Comecei esse trabalho sem ter uma visão crítica ou histórica consolidada do que eram esses autores e esses livros. Na medida em que ia traduzindo, tinha que pesquisar, e o assunto é fascinante. Aí me dei conta, a certa altura, que eu estava desenvolvendo uma visão muito pessoal daquilo e que era o oposto da visão que predomina em nossa tradição crítica. Comecei a formar uma convicção fundamentada em dados de que aquilo estava sendo mal entendido. Parece pretensioso, ainda mais sendo um ponto de vista de um sujeito que não é pesquisador, mas tive contato com algumas informações. Tenho 56 anos [em 2012], de modo que já tinha uma certa insegurança a respeito de como tudo é falível. Comecei, enfim, a formar uma convicção muito pessoal a respeito dessas obras, que é o seguinte: a literatura russa tem esse alcance, essa força, causa toda essa impressão, não porque os escritores fossem gênios ou tivessem um talento espetacular. Nem porque caiu um disco voador lá, nada disso. Acontece que a relação entre literatura e sociedade lá, na Rússia, era completamente diferente do que se passava no resto da Europa, nos Estados Unidos ou até mesmo no Brasil no final do século XIX.



LOURENÇO MUTARELLI

Você só se tornou um autor de literatura após ser conhecido como autor de quadrinhos. Como você começou a se expressar artisticamente?

Por desenhar desde a infância, o quadrinho nunca me intimidou. O quadrinho é um laboratório, onde é possível experimentar e, acredito, não há um olhar tão crítico quanto na literatura. A literatura era, para mim, algo sagrado, inatingível até. Entrei na literatura acidentalmente. Quando pensei em escrever *O cheiro do ralo*, eu estava terminando a trilogia do personagem Diomedes e tinha uma série de outros trabalhos de ilustração e quadrinhos. Tive a ideia de escrever uma história e achava que a imagem iria denunciar demais, por isso tentei escrever um texto.





JOÃO GILBERTO NOLL

Ao começar a escrever você abandonou a música, desistiu de ser ator, mas se voltou à leitura. Um garoto leitor, o que seus pais achavam?

Meus pais eram indiferentes às minhas leituras. Mas tive um amigo no colégio, um cara mais velho, que me introduziu a muitas coisas, como, por exemplo, a livros. Ele me emprestou *O apanhador no campo de centeio* e *Trópico de câncer*, que é até hoje um dos grandes livros da minha vida. E coisas assim como Françoise Sagan. Comecei a conhecer Sartre através dele. Ele me mostrou a bossa nova, o jazz, etc. Realmente devo muitíssimo a ele. Uma figura muito importante, que ainda mora em Porto Alegre. Esse mesmo amigo me apresentou também a obra de T. S. Eliot. Fiquei encantado com aquela tradução do nosso poeta Ivan Junqueira, dos quatro quartetos. Dos livros que ele me encaminhou, foi o que mais gostei. Eu queria uma coisa assim, que não precisasse falar tanto de enredo, quer dizer, sou um ficcionista um tanto desnaturado, de linguagem, não cultivo tanto o enredo, e o Eliot dava só tópicos, daquelas ruínas, daquela coisa desértica, uma certa decadência muito interessante, muito atrativa para um jovem que vinha criticando ferozmente as coisas institucionais como a família, o colégio e outras coisas que comecei a execrar naquela época. Na minha literatura tem um cara inconstitucional, sem família, desfamiliarizado. Parece que isso foi gestado já ali. E através, principalmente, da grandiosidade obra de T.S. Eliot.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Você é um escritor consagrado. De onde vem a motivação para continuar escrevendo?

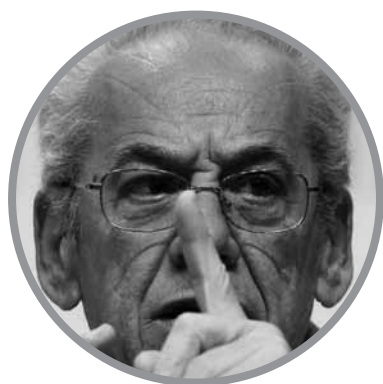
Literatura é, acima de tudo, prazer, sem isso é bobagem. A literatura tem que ser também um divertimento. Claro que tem que ser uma obra bem construída, bem feita, com estilo e tudo mais. Porém, ela tem que tocar as pessoas. Literatura é emoção e sentimentos. A literatura, ao longo de sua imensa trajetória, sempre falou do homem e sempre falou de emoção. Desde Shakespeare, falando de ciúme e dúvida, *Dom Quixote*, que foi o primeiro romance estruturado da história, até Jorge Luis Borges, passando por *Vidas secas*, tudo isso é a condição humana colocada no papel. E eu me alegro muito em fazer parte desses bravos e humildes lutadores, que tentam definir o homem brasileiro, entender o que é a vida, o que é o país, o que é a morte, enfim, entender por que estamos aqui. Como nunca se consegue, vou escrever até o final, até completar 104 anos e ir visitar o Niemeyer.



ROBERTO GOMES

Você escolheu ser escritor ou simplesmente aconteceu?

Ninguém escolhe ser escritor. Acho que não existe essa escolha. Um fato que para mim foi decisivo, e que também não entendi até hoje, que marca essa escolha, é que eu lia muito e fui ter o meu primeiro emprego como auxiliar de desenhista na Prefeitura de Blumenau. Ganhei meu primeiro salário e acabei comprando uma máquina de escrever. Ela era tcheca, chamava-se Zeta e era gigantesca, enorme, pesada, de ferro. Comprei a máquina, voltei com ela nas costas para casa. Quando minha mãe me indagou o motivo que me levou a comprar a máquina, respondi-lhe que iria ser escritor. Ai disparei a escrever, e claro, fiz plágios descarados do Nelson Rodrigues, do Fernando Sabino, plagiava todo mundo, mas tinha o bom senso de uma semana depois jogar fora. Até que chegou um dia que escrevi uma história que achei que não era plágio de ninguém, não tinha a cara do Nelson Rodrigues, nem do Fernando Sabino. Então, escolher escrever, não sei, talvez seja uma imaturidade. Agora, se eu não tivesse sido bem-sucedido como escritor, não sei se teria outra alternativa.



UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA



BERNARDO CARVALHO

Qual é o impacto da literatura em sua vida?

É o que me dá um sentido diferente de vida. Posso dizer que quase existo pela ficção. Ao mesmo tempo, acho que há um movimento natural do mundo que está fazendo com que as pessoas percam o interesse pela ficção. As pessoas estão tendo cada vez mais coragem de declarar que não leem mais ficção, que leem ensaios, por exemplo. Apesar disso, tenho uma militância contra esse movimento natural do mundo em preferir ensaios à ficção. Naturalmente, nos últimos anos, tomei mais gosto pelos ensaios, embora eu ache isso horrível, não queria que fosse assim. Acredito que a ficção demande um esforço e, sobretudo, uma espécie de pacto entre leitor e história, que é um pacto que foi meio deixado de lado depois de tanto sermos envolvidos por uma tradição realista. Mesmo a própria ficção, a gente tende a lê-la de uma forma mais realista. De toda forma, me considero um militante da ficção.

MICHEL LAUB

Em sua opinião, a literatura pode influenciar a realidade?

Os livros têm impacto na vida pessoal sim. No início da carreira, como todo escritor que quer impressionar, sempre dizia que “literatura não serve pra nada, ninguém se importa e tal”. Mas, no mínimo, ela muda a vida de quem se propõe a ler. Se você passa a vida inteira escrevendo um livro, participando de debates, isso gera um efeito sobre o mundo, um mundo possível, o seu mundo. Claro que eu não estou interferindo na economia brasileira, mas estou mudando algo na minha vida, na vida de um leitor, de dez leitores, etc. Isso é mudar a realidade dentro de uma esfera possível.



RONALDO CORREIA DE BRITO

Quando começou a escrever, qual era a sua expectativa?

O que eu mais queria na vida era ter leitores. É o que todo escritor deseja: ter leitores. Agora, um escritor precisa escrever aquilo que acredita. Tem que ter seu ritmo, seus experimentos com a linguagem, essa liberdade de escritor. Existe um desejo e existe uma exigência. Então, o desejo de ter leitores e a exigência de ser o escritor que você quer ser, que você deseja vir a ser. Imagine como foi difícil para o Guimarães Rosa fazer aquela escolha de construir uma língua. Também penso hoje como deve ser difícil de as pessoas lerem as obras de Guimarães Rosa em outros países: ele é intraduzível. Ao mesmo tempo, admiro e considero pertinente a existência de um escritor como o Luis Fernando Veríssimo, que conquista tantos leitores e é tão agradável de ler. Hoje, há um grande impasse porque o escritor brasileiro está flertando com o mercado internacional e, nesse contexto, como um autor como Guimarães Rosa vai sobreviver se quiser inventar um idioma que é intraduzível?





LUIZ VILELA

Por que você escreve?

Uai. Às vezes, penso comigo mesmo: por que comecei a escrever? Ligo isso também à questão da minha infância, porque eu brincava muito com uns bonequinhos. Acho que todo menino brincou com essas coisas. Mas, no meu caso, eu criava um mundo, fazia uma cidade, tentava reproduzir filmes que via no cinema da minha cidade. As histórias em quadrinho, lia pilhas de histórias em quadrinho. Assim que a adolescência foi chegando, naturalmente fui deixando aqueles brinquedos, e a literatura foi, de certa forma, o substituto dessas brincadeiras. Costumo dizer ainda que a literatura é o meu brinquedo de adulto.

JOCA TERRON

Você é leitor de autores pouco convencionais?

Gosto de uma literatura não muito certinha. Embora o Brasil tenha grande tradição literária, percebo que no período da ditadura, de 1967 até o começo da década de 1990, a literatura ficou em segundo, terceiro, quarto plano, sem condições de competir com outras expressões artísticas. A literatura brasileira não podia competir com o poder de mobilização política que, por exemplo, o teatro teve nos anos 1960, nem com a Tropicália. Quem realmente produziu obras que me atraíram, que me deixaram impressionado, foram autores como Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier, Paulo Leminski e o Jamil Snege, o mais desconhecido de todos, que ficou restrito a Curitiba por causa de sua recusa em ser publicado por uma grande editora. Apesar de ter surgido dessa literatura pós-modernista, sobretudo a francesa, na qual um dos destaques é o escritor Georges Perec, o Karam conseguiu desenvolver uma linguagem muito pessoal, com grande sentido de humor e um jeito de enxergar o absurdo da vida quase filosoficamente, engraçadíssimo. Difícilmente você fecha um livro do Karam e não fica pensando, e o grande autor é justamente o que consegue provocar esse efeito no leitor, a reflexão.



MARCELO BACKES

Consegue encontrar pontos de contato entre a sua literatura e as obras dos autores alemães que leu?

Meu livro *Estilhaços*, de 2006, é de aforismos e epigramas, e tem muito a ver com a minha formação em literatura alemã. Mas, se você conferir o que há efetivamente de lirismo nesse livro, vai perceber que é uma lírica de índole mais filosófica, até mesmo combativa em certo sentido. Isso mostra que não sou um lírico de verdade, algo que nunca fui. Estudei muito e sei fazer versos, inclusive com rima e metro, mas sei que não sou um poeta essencial. Sempre tive uma índole mais narrativa. Já *A arte do combate*, de 2003, não é essencialmente um livro de escritor, por ser uma espécie de história subjetiva da literatura alemã sob o ponto de vista da briga, da agressão e do combate. No entanto, aquele livro já apresenta alguns indícios de vontade narrativa, uma noção minha de querer meter o bedelho e contar algumas coisas pessoais. Em 2006, publico então *Estilhaços* que, mesmo não sendo completamente ficcional, aponta para um caminho em direção à ficção. *Maisquememória*, de 2007, é ainda mais ficcionalizado. E, o livro mais recente, *O último minuto*, de 2013, é ainda mais ficcional do que *Três traidores e uns outros*, de 2010. Consigo fazer essa leitura hoje e não enquanto estava escrevendo. As interpretações sobre os meus livros são sempre feitas, por mim, posteriormente. ■



Tudo é influência

Da ficção à poesia, dos clássicos aos contemporâneos, nada escapa do interesse permanente que o fundador da Cia. de Teatro Os Satyros tem pela literatura

OMAR GODDY

Ivam Cabral lembra do primeiro livro que leu sozinho, ainda criança, em Ribeirão Claro (PR): *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa. “Sozinho” porque sua formação literária começou a partir de leituras coletivas, em casa, puxadas pela mãe. “Como não tínhamos televisão, encerrávamos nossas noites sempre com essas leituras. Eram livros comprados de vendedores que apareciam na cidade em kombis. Minha mãe adorava Machado de Assis, especialmente os contos”, explica o ator, diretor e dramaturgo de 51 anos, conhecido por seu trabalho à frente da premiada Cia. de Teatro Os Satyros (cofundada por ele na capital paulista em 1989).

Filho de um pedreiro analfabeto e de uma costureira que estudou apenas até a quarta série primária, Cabral não teve uma vida fácil com seus outros cinco irmãos. Mas, graças ao esforço da mãe, cresceu sabendo que cursaria uma faculdade e teria um destino diferente dos pais. As reuniões noturnas, portanto, eram parte decisiva desse projeto

maior que a mãe tinha para a família. “Valia de tudo. Além do Machado, líamos Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Monteiro Lobato. Até José de Alencar, que meus irmãos achavam tedioso, eu adorava. *A pata da gazela*, *A moreninha...* Aquilo era a coisa mais linda do mundo para mim”, diz, rindo.

As leituras em grupo acabaram quando a televisão chegou em casa. Já adolescente, ele passou a emprestar volumes da biblioteca municipal da cidade, dividindo-se entre as sugestões da bibliotecária e as primeiras descobertas pessoais. Entre os 15 e os 18 anos, conheceu J.D. Salinger, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu e dramaturgos como Oscar Wilde, Nelson Rodrigues, Shakespeare — fundamentais para sua futura formação em teatro. “Nessa época, também descobri o prazer de ler poesia. Fernando Pessoa caiu em minha vida quase como um oráculo.”

Além de desenvolver o gosto pela literatura, Ivam Cabral cresceu em contato com a música e o teatro,



Divulgação

praticados na igreja católica que ficava a menos de 100 metros de sua casa. Acabou se mudando para a capital do Estado, onde cursou Artes Cênicas na PUC e teve de correr atrás de autores a que ainda não tinha acesso. “Beckett, Bergman, Ionesco, Lorca, Woody Allen, García Márquez... Nada disso havia chegado em Ribeirão Claro”, diverte-se. “Em Curitiba, eu descobriria outros nomes incríveis, como João Silvério Trevisan, Márcia Denser, Sérgio Sant’Anna, Ana Cristina Cesar, Ignácio de Loyola Brandão”, completa.

Um parágrafo especial deve ser dedicado à poesia de Portugal, país em que viveu durante sete anos após se formar. “Parte das minhas referências vêm de lá. Fiz 30 anos morando em Lisboa, é um momento importante na formação de uma pessoa”, diz. Além de mergulhar ainda mais na obra de Fernando Pessoa, envolveu-se com a produção de nomes como Al Berto, Herberto Helder e Ondjaki. O resultado dessa imersão foi o programa de canções e poemas *Os cantos de*

Portugal, que ele produziu e apresentou por mais de 10 anos na Rádio Educativo Paraná (hoje é Paraná).

Outro assunto que merece um espaço de destaque é a relação dos Satyros com a obra do Marquês de Sade — o autor mais marcante na trajetória da companhia teatral. “Descobrimos Sade logo no início da nossa carreira, em 1990. A partir dali, nossas vidas nunca mais seriam as mesmas”, afirma. Segundo ele, o francês libertino é responsável por colocar o grupo num estado permanente de questionamento e observação. “Seus argumentos, embora enfáticos e, aparentemente, definitivos, abrem arestas para as dúvidas que não temos condições de responder de pronto. Principalmente no terreno moral e filosófico. É um dos autores que mais nos perturbam, ao lado de Nietzsche e Schopenhauer”, explica.

Mas os interesses literários de Cabral não se limitam aos clássicos. Ele acompanha a produção contemporânea e tem uma lista de escritores preferidos que “muda sempre”. “Acho

que sou influenciado o tempo todo. A cada nova leitura, surge uma imensidão de referências e estados. Mesmo quando a obra não é tão legal assim, mesmo quando você se decepciona. Há infinitas possibilidades na literatura.”

Seus eleitos no momento são a nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie, o italiano Alessandro Baricco, o moçambicano Mia Couto e o alemão Wolf Erlbruch. Entre os nacionais, cita Veronica Sitgger, Santiago Nazarian, Marcelino Freire e Ivana de Arruda Leite. “Propositalmente, elenquei quatro que não têm a ver um com o outro”, diz o artista, que até pouco tempo mantinha em seu site (www.terrasdecabral.com.br) uma seção chamada “O que estou lendo?”. “É um espaço que está sendo reformulado e volta em agosto. As pessoas entram em contato, querem falar, dividir opiniões. Já cheguei a receber mais de 2 mil visitas diárias.”

Os textos para a internet também renderam um livro, *Terras de Cabral — Crônicas de lá e cá* (2013), sua primeira publicação fora do universo da

dramaturgia. No ano seguinte, lançou um infantil, *Chico só queria ser feliz*, que será seguido por um novo volume de crônicas. Questionado se pensa em escrever um romance, ele revela que já tem uma ideia “rabiscada”. “Mas, para isso, terei que dar uma parada, ir para minha casinha em Parelheiros (SP), no meio do mato, e forçar a imersão.”

Como se não bastassem todas as atividades com os Satyros, a publicação de livros e outros projetos paralelos, Ivam Cabral também acumula a função de diretor da SP Escola de Teatro, mantida pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Uma rotina puxada, que teve de ser interrompida no fim do ano passado, quando ele foi submetido a uma cirurgia para a retirada de um nódulo na tireoide. “Fui aos extremos, pensei na morte. Mas isso não é triste nem preocupante, pois serviu para a reflexão e me deixou um cara melhor. De qualquer forma, 2014 foi o ano mais incrível da minha vida. Nunca fui tão premiado, paparicado e distinguido. Ando ficando mal acostumado”, brinca. ■

A invenção de um continente



Retrato dos artistas quando jovens: o peruano Mario Vargas Llosa e o colombiano Gabriel García Márquez foram amigos, autores fundamentais para a invenção da América Latina por meio da ficção e, a partir de um incidente mal explicado, se tornaram desafetos e rivais.



Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Julio Cortázar e outros escritores encontraram novos caminhos para a ficção recriando a vida na América Latina, o que resultou em obras lidas e admiradas em diversos países e idiomas

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há quase 50 anos, a América Latina surpreendeu e, em alguma medida, conquistou o mundo por meio da ficção. Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Alejo Carpentier, Carlos Fuentes, Julio Cortázar e outros autores publicaram obras que tiveram ressonância no próprio continente, nos Estados Unidos e na Europa. Foi o chamado boom literário latino-americano. O marco inicial do fenômeno foi a publicação em 1967 de *Cem anos de solidão*, romance de Gabriel García Márquez — apesar de o crítico e pesquisador uruguaio Ángel Rama apontar *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, publicado em 1963, como a obra deflagradora do boom. Já o ano de 1973, de acordo com os especialistas, marcaria o fim do

movimento — coincidência, ou não, em meio ao período obscuro das ditaduras militares na América do Sul.

“Do ponto de vista estritamente latino-americano, acredito que o maior legado [desse movimento] foi no sentido de estabelecer definitivamente uma identidade própria para os escritores dessa região do mundo que, até então, eram vistos — e, o que é mais importante, muitos deles ainda se viam — apenas como discípulos dos grandes mestres europeus”, afirma o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Claudio Celso Alano da Cruz. Contrariando todas as expectativas, completa Cruz, um desses escritores passou a ser visto desde então como um verdadeiro mestre para as novas gerações europeias que estavam

despontando naquele momento: “Essa era uma façanha, digamos assim, absolutamente inédita para um escritor latino-americano. Refiro-me, claro, ao argentino Jorge Luis Borges.”

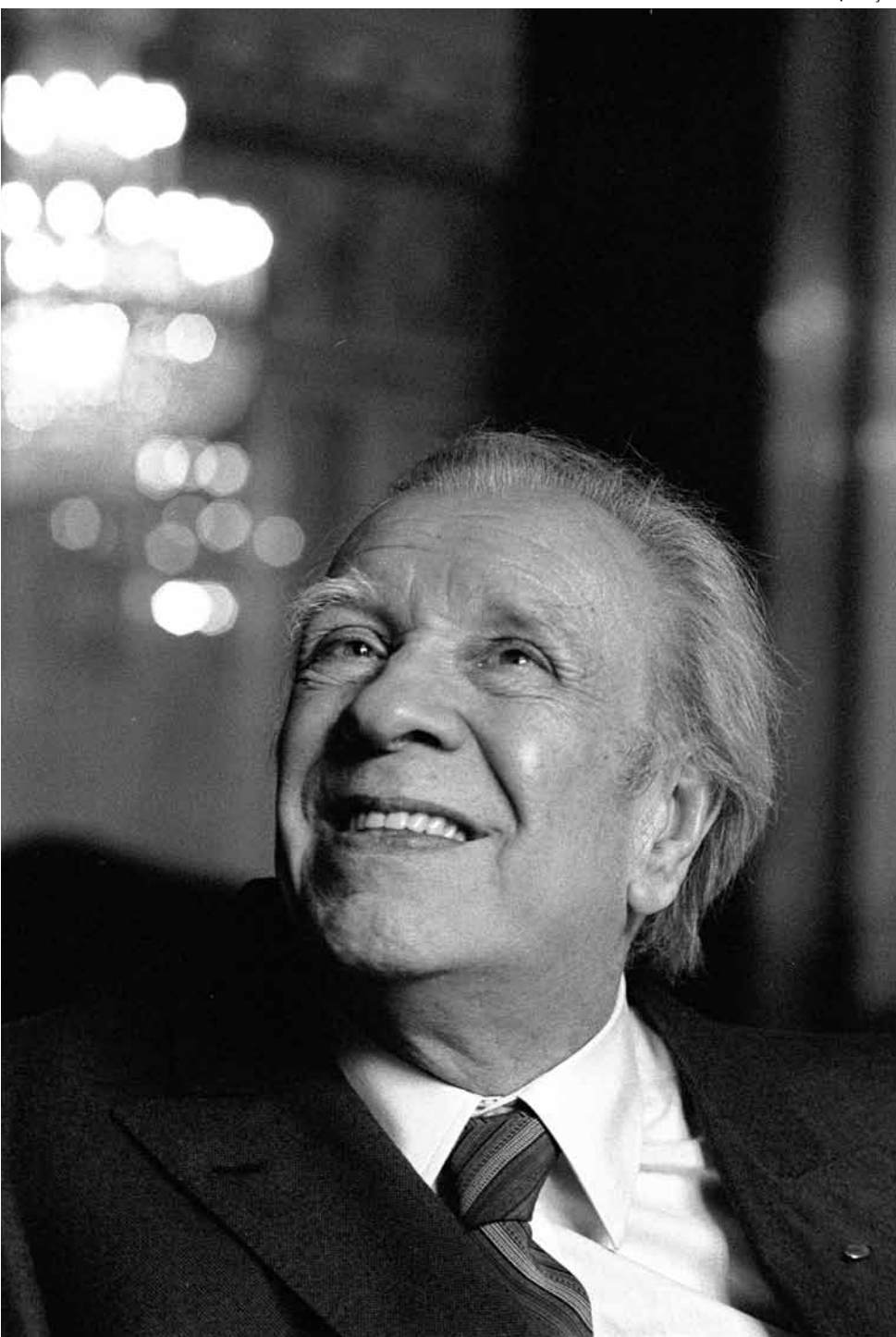
O estudioso da UFSC observa que, do ponto de vista internacional, talvez o maior legado do boom tenha sido o resgate visceral da capacidade narrativa que, em meados do século XX, e principalmente na Europa, havia entrado num beco sem saída com o *noveau roman* francês. “Vale lembrar que a França, em grande medida, ainda dava o ‘tom’ e a direção no que diz respeito aos caminhos da literatura mundial. Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes, além de vários outros, mostravam de forma cabal que o romance não havia terminado, como

muitos falaram, nas experiências radicais de James Joyce com, por exemplo, *Finnegans wake*, de 1939”, diz.

Cruz ainda acrescenta que, quase que simultaneamente ao fenômeno do boom, começava a ser descoberto, e avaliado, pelo Ocidente em “O narrador”, texto do filósofo e crítico Walter Benjamin escrito em 1936. A tese principal desse célebre ensaio é de que o sujeito moderno estaria perdendo, gradativa e irreversivelmente, a capacidade de narrar a própria experiência, em função de uma série de transformações históricas e sociais que o autor explica ao longo do texto.

“Pois bem, o que os escritores latino-americanos vieram mostrar é que a questão era um pouco mais complexa, uma vez que seus textos pareciam

Reprodução



Jorge Luis Borges já era um emblema que pairava para além do fenômeno do boom. “Era um ensaísta refinadíssimo que já se projetava como presença imprescindível na literatura latino-americana na década de 1960. Mas a afirmação de seu prestígio literário em termos mundiais está intrinsecamente ligada à expansão do mercado editorial ocorrida naquele momento”, afirma o professor da Universidade Federal Fluminense Maurício de Bragança.

“Os escritores latino-americanos vieram mostrar é que, pelo menos no que diz respeito à América Latina, ainda havia muito a ser narrado. E eles se puseram a contar suas próprias experiências, das suas famílias e antepassados, dos seus conterrâneos de cidades, regiões, países. E o que fizeram encantou leitores de todos os países do mundo.”

Claudio Celso Alano da Cruz, professor da Universidade Federal de Santa Catarina

indicar justamente o contrário do que constatava Benjamin, ou seja, pelo menos no que diz respeito à América Latina, ainda havia muito a ser narrado. E eles se puseram a contar suas próprias experiências, das suas famílias e antepassados, dos seus conterrâneos de cidades, regiões, países. E o que fizeram encantou leitores de todos os países do mundo”, comenta Cruz.

Economia e mercado

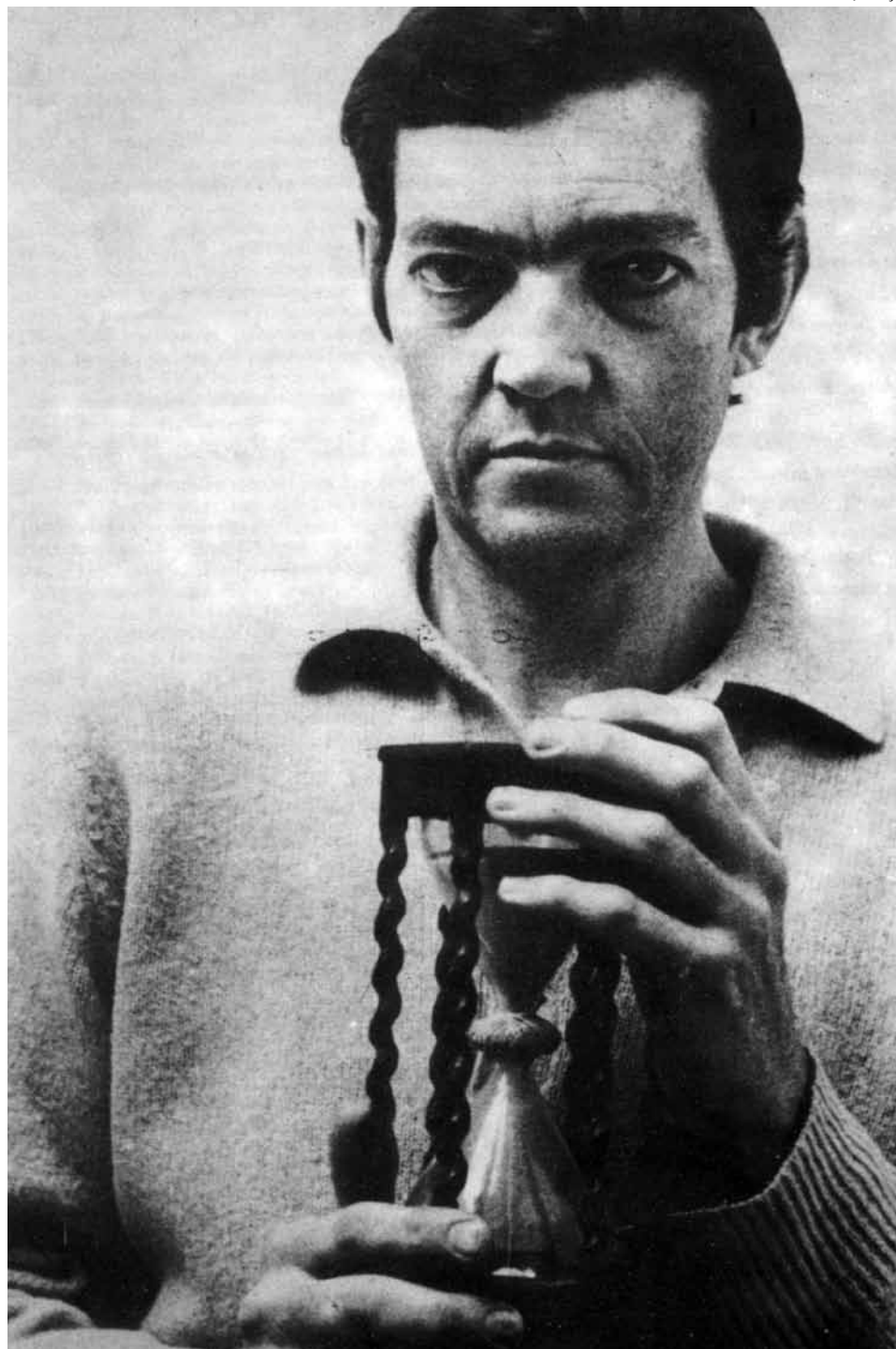
A professora de literatura hispano-americana da Universidade de São Paulo (USP) Ana Cecília Olmos explica que o boom da literatura latino-americana aconteceu durante um período favorável, entre os anos 1960 e 1970, com estabilidade econômica nos países, o que permitiu a editoras locais investir nas obras de autores, então, promissores. Além disso, naquele contexto também houve

democratização do acesso à escola e à leitura e um consequente aumento do número de leitores.

Maurício de Bragança, da Universidade Federal Fluminense (UFF), afirma que o termo boom, de fato, tem origem no marketing e na situação econômica. “Sem dúvida nenhuma a organização de um mercado editorial forte e eficiente na América Latina teve uma participação decisiva para a circulação destas obras em mercados internacionais e a ampliação de um público leitor”, diz.

O especialista da UFF cita as casas editoriais que atuaram ativamente naquele período, por exemplo, Losada, Emecé, Sudamericana e Compañía General Fabril Editora em Buenos Aires, as mexicanas Fondo de Cultura Económica, Era e Joaquín Mortiz, as chilenas Nascimento e Zig Zag, as

Reprodução



Uma das grandes estrelas da constelação do boom da literatura latino-americana foi Julio Cortázar, que escreveu uma ficção inovadora, em especial, o romance *O jogo da amarelinha*, que pode ser lido linearmente e também a partir de recomendações do autor.

uruguayas Alfa e Arca, a venezuelana Monte Avila — além de Barral, Lumen e Anagrama, em Barcelona, na Espanha.

“É importante destacar ainda que o mercado que se organizou naquele momento acabaria republicando uma série de romances que haviam tido tiragens muito baixas originalmente, aumentando o escopo de publicações literárias relacionadas à nova literatura latino-americana”, completa Bragança.

Claudio Celso Alano da Cruz, da UFSC, analisa que o êxito do boom também se deve, entre outras questões, ao fato de a comunidade de língua espanhola ser ampla. “Creio que aí há uma concordância generalizada, e por outro lado essa situação explica também o motivo pelo qual autores brasileiros não puderam se beneficiar desse fenômeno, apesar da língua portuguesa ser tão próxima à espanhola”, opina Cruz.

“É claro que o número de leitores em espanhol no mundo é algo impressionante, mas não devemos esquecer que os escritores do boom logo seriam traduzidos para outras línguas. Essa literatura vai ter um grande êxito em mercados editoriais como o francês, o italiano, o alemão e mesmo o norte-americano.”

Maurício de Bragança, professor da Universidade Federal Fluminense

Reprodução



O cubano Alejo Carpentier (1904-1980) transformou uma experiência que viveu no Haiti, incluindo fatos da história e da política do país, em *O reino deste mundo* – romance publicado em 1948 no México, obra fundamental para entender o boom.

Já o professor Maurício de Bragança acredita que esse dado merece atenção, mas não é determinante: “É claro que o número de leitores em espanhol no mundo é algo impressionante, mas não devemos esquecer que os escritores do boom logo seriam traduzidos para outras línguas. Essa literatura vai ter um grande êxito em mercados editoriais como o francês, o italiano, o alemão e mesmo o norte-americano.”

O peso da herança

Em 1996, os escritores chilenos Alberto Fuguet e Sergio Gómez organizaram uma antologia apresentando novas vozes literárias da América Latina. A proposta da publicação estava explícita no título: *McOndo* — referência à rede de fast-food McDonald’s e à aldeia criada por Gabriel García Márquez, Macondo. Ana Cecília Olmos, da USP, analisa que o título, *McOndo*, pode ser interpretado como demonstração de ironia e, ao mesmo tempo, homenagem.

“Os jovens autores tentavam matar os ‘pais’ literários, sem deixar de reconhecer o valor da herança”, afirma.

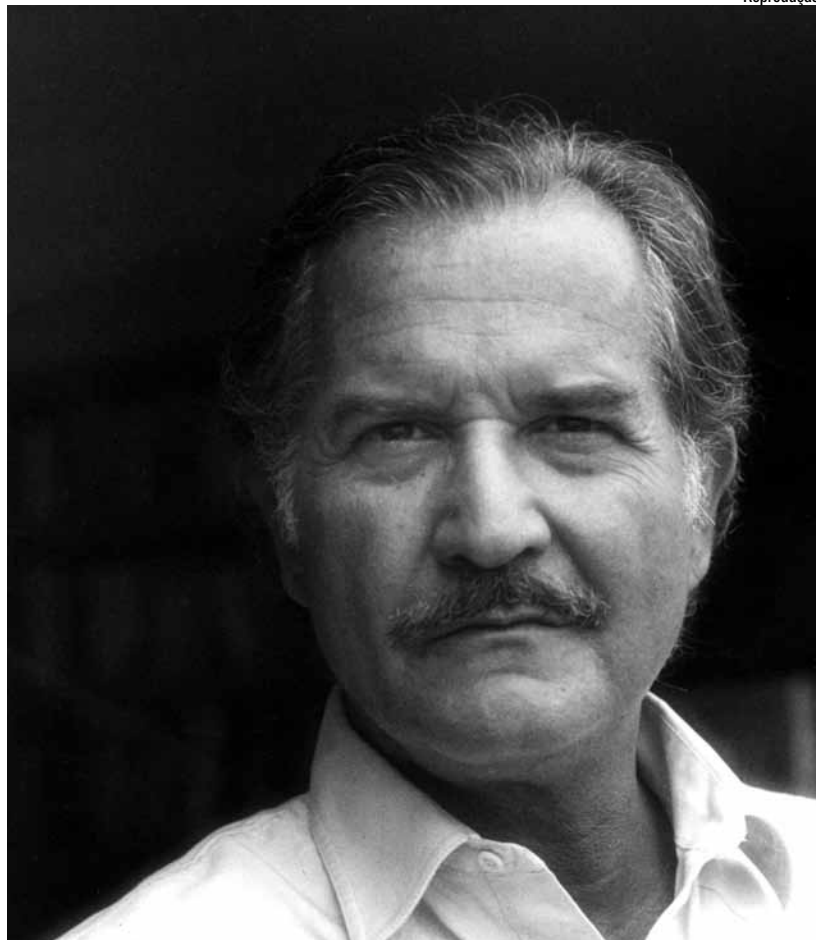
Maurício de Bragança acredita que o êxito do boom, em âmbito mundial, foi tão impressionante que acabou criando uma “camisa de força” para as gerações seguintes. “Sob uma certa perspectiva, o boom ajudou a engessar uma identidade para a América Latina forjadora de um imaginário mundial que permaneceu por várias décadas. Isso foi recebido de forma muito problemática pelas novas gerações que tiveram como desafio enfrentar essa espécie de projeto que acabava por reduzir as múltiplas possibilidades estéticas e narrativas do continente aos parâmetros trabalhados pela geração do boom. É nesse quadro que se insere a geração *McOndo*, na década de 1990”, diz o professor da UFF.

Ana Cecília Olmos, da USP, lembra que, além do *McOndo*, na década de 1990 o escritor mexicano Jorge Volpi criou o “Manifesto Crack”

para, entre outras finalidades, questionar a herança do boom. Naquele momento, anos 1990, alguns escritores latinos que nasceram nos anos 1960 sinalizavam estar em busca de liberdade. “Liberdade que significa não se sentir obrigado a se disfarçar de latino-americano o tempo todo. Liberdade para poder escrever sobre qualquer tema, libertando a literatura de qualquer representação feita na América Latina, inclusive experimentando narrar em outras línguas”, argumenta.

O legado do boom, salienta a professora da USP, é heterogêneo. “Por causa do sucesso de *Cem anos de solidão*, com tiragem inicial de 10 mil exemplares em 1967, algo surpreendente para a época, muitas vezes a tendência é reduzir o boom ao Realismo Mágico. Mas os escritores latino-americanos não escreveram apenas romances. Também teve ensaio e excelentes contistas. É preciso não perder de vista a heterogeneidade”, diz Ana Cecília. ■

Reprodução



O escritor mexicano Carlos Fuentes (1928-2012), um dos grandes nomes do boom da literatura latino-americana, foi embaixador, lecionou em universidades norte-americanas e se dizia leitor da obra de Machado de Assis.

A expressão da alteridade e da diferença



O chileno Roberto Bolaño (1953-2003) é um herdeiro do legado do boom, atualmente apontado como um dos grandes nomes da ficção contemporânea.

A professora de Literatura Hispano-americana na Universidade de São Paulo (USP) e tradutora **Laura Janina Hosiasson** defende que a ficção produzida na América Latina vai além de qualquer rótulo, seja realismo mágico ou boom, pelo fato de ser realizada por hábeis narradores

Por mais que hoje tenhamos um olhar distanciado com relação ao boom literário latino-americano dos anos 1960 e 1970 e pensando, sobretudo, nos problemas que o conceito todo acarreta, não há como negar que ele foi e continua sendo um ótimo chamariz editorial para a captação de novos leitores desse conjunto bastante amorfo e mutante que o compõe. Mas o que fica claro, com a nitidez que adquirimos no afastamento do tempo, é que aquilo que se pensou nesse momento como o conjunto de uma produção literária com características aglutinadoras, muito pouco ou nada tinha em comum e hoje, quando tentamos falar sobre ele, entramos necessariamente no campo das negações.

Para começar, embora o top de vendas tenha sido e continue sendo *Cem*

anos de solidão, de Gabriel García Márquez, se pensarmos no legado que a literatura latino-americana do século XX espalhou entre autores de outras línguas iremos nos deparar com escritores que na época nem foram considerados parte do chamado boom da literatura latino-americana, como o argentino Jorge Luis Borges e o mexicano Juan Rulfo, por exemplo. O primeiro inspirou os italianos Ítalo Calvino e Umberto Eco, o filósofo francês Michel Foucault, o norte-americano Paul Auster, o grupo de escritores e matemáticos em língua francesa, Oulipo, entre muitos outros; e Juan Rulfo semeou afinidades que vão de Susan Sontag a João Guimarães Rosa.

Um dos equívocos históricos foi a identificação daqueles autores que constituíam o boom (sempre de forma muito

aleatória, ao sabor dos editores e agentes literários) com o que veio a se chamar Realismo Mágico, na verdade um conceito resgatado da pintura de vanguarda alemã dos anos 1920. Aqui ele foi entendido e adaptado como a possibilidade de um alargamento exótico das fronteiras do real por meio da magia e a imaginação que daria conta da verdadeira identidade latino-americana. A América Latina encontrava finalmente sua verdadeira expressão.

Ora, se a chave funcionou para a leitura da obra de um García Márquez e parte da do cubano Alejo Carpentier, nada tinha a dizer a respeito da produção de um Borges ou de um Rulfo. O rótulo funcionou especialmente para as editoras internacionais que se

utilizaram do chamariz boom/Realismo Mágico latino-americano para vender essa “nova literatura” que o “novo” continente começava a exportar.

Há que se dizer que, como em tudo na vida, houve também a coincidência com outros fatores que determinaram a qualidade e independência narrativa de muitos escritores do continente, ao longo do século XX. Isso tem a ver, em parte, com a chance que grande parte dos intelectuais latino-americanos — em sua enorme maioria, pertencentes às elites locais — teve de viajar para as metrópoles europeias ou de acessar bibliotecas internacionais bem equipadas. Isso possibilitou o contato com a melhor tradição literária ocidental e com o que de mais vanguarda se escrevia no

“além mar” (Joyce, Faulkner, Woolf, Kafka, Hemingway...).

A leva de bons narradores que por essas décadas circula aleatoriamente dentro e fora do chamado boom é enorme. Trata-se de um conjunto expressivo de excelentes escritores inovadores e criativos, sobretudo em sua fase primeira, após a qual alguns dentre eles tropeçaram na repetição de fórmulas, como é o caso lamentável de Mario Vargas Llosa.

Mas o que é certo é que a alteridade, a impossibilidade de rotulá-los dentro de um mesmo saco salta à vista. Se lermos em paralelo Julio Cortázar e José Donoso ou Carlos Fuentes e Jorge Luis Borges e assim por diante, de pouco ou de nada irá nos servir o conceito do realismo mágico que parece se referir unicamente a uma visão do atraso cultural e social latino-americano, em chave exótica. Aliás, cada um deles estava procurando elaborar uma voz própria e original, lançando mão de procedimentos narrativos dos mais diversos para romper os parâmetros tradicionais com que, até meados do século XX, a literatura da região tinha se defrontado.

McOndo, uma experiência literária promovida por dois jovens escritores


chilenos do pós-boom, Alberto Fuguet e Sergio Gómez, veio escancarar de vez o problema. Em 1996, eles organizaram a publicação de uma coletânea, convocando narradores de qualquer tendência excetuando a do realismo mágico. O título e a proposta eram uma evidente gozação que confrontava sem pudor os extremos da atualidade contemporânea no continente: a sociedade de consumo (McDonald’s) e o primitivismo (Macondo). Na América Latina há escritores e ponto final, sem rótulos!

Um dos exemplos mais significativos de narrador antenado no presente e que absolutamente nada tem a ver com a etiqueta associada ao boom, é Roberto Bolaño, recentemente falecido. Sua obra reconhecida internacionalmente faz circular as tramas da ficção no espaço latino-americano e europeu, atravessando as fronteiras linguísticas, inclusive aquelas dos diferentes espanhóis. Nele, as marcas de autores como Jorge Luis Borges e Julio Cortázar são evidentes, inclusive por ele confessas. Ele é uma prova de que felizmente a pecha dos rótulos mercantis da produção literária latino-americana está sendo superada e o que domina hoje é a expressão da alteridade e da diferença. ■

Reprodução



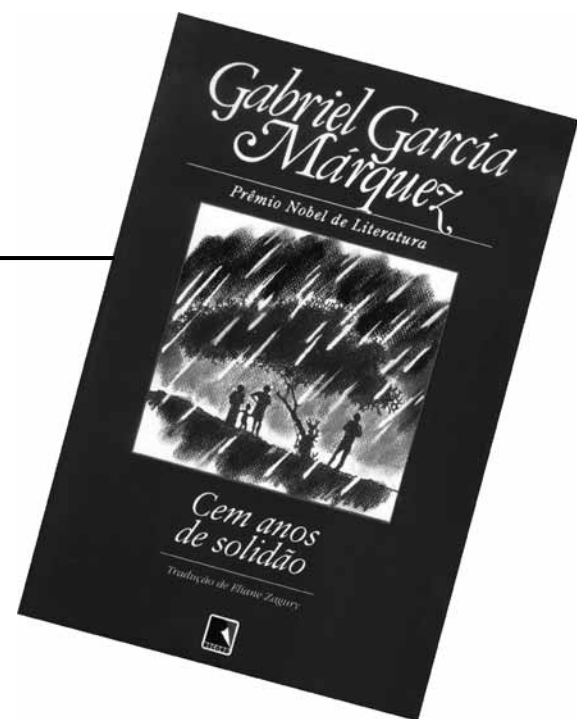
O escritor mexicano Juan Rulfo (1917-1986) fez a cabeça dos autores do boom da literatura latino-americana e também de intelectuais e prosadores de vários pontos do mundo, incluindo Susan Sontag e João Guimarães Rosa.

 **Laura Janina Hosiasson** é professora de Literatura Hispano-americana na Universidade de São Paulo (USP). Autora de *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico* (2012). Traduziu, entre outros livros, *Só para fumantes* (2007), de Julio Ramón Ribeyro, e *A última névoa* (2013), de María Luisa Bombal. Vive em São Paulo (SP).

PRATELEIRA

Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez

Publicado em 1967, o romance é considerado o marco-zero do boom latino-americano. O livro conquistaria leitores e crítica, tornando o autor uma referência em âmbito mundial. Quinze anos após publicar *Cem anos de solidão*, Gabo, como o autor também era conhecido, receberia o Prêmio Nobel de Literatura. O escritor ambientou a longa narrativa em uma cidade inventada, Macondo, habitada pela família Buendía durante várias gerações. “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer a fábrica de gelo.” Esta frase deflagra o romance que apresenta, entre outras características, uma população que perde a memória, sejam mulheres que se trancam por décadas dentro de casas ou homens que arrastam atrás de si um cortejo de borboletas amarelas. A obra de ficção mostrou ao mundo o que foi ou pode ter sido a realidade dos caribenhos a partir da sensibilidade, do atento olhar e da linguagem única de Gabriel García Márquez (1927-2014).

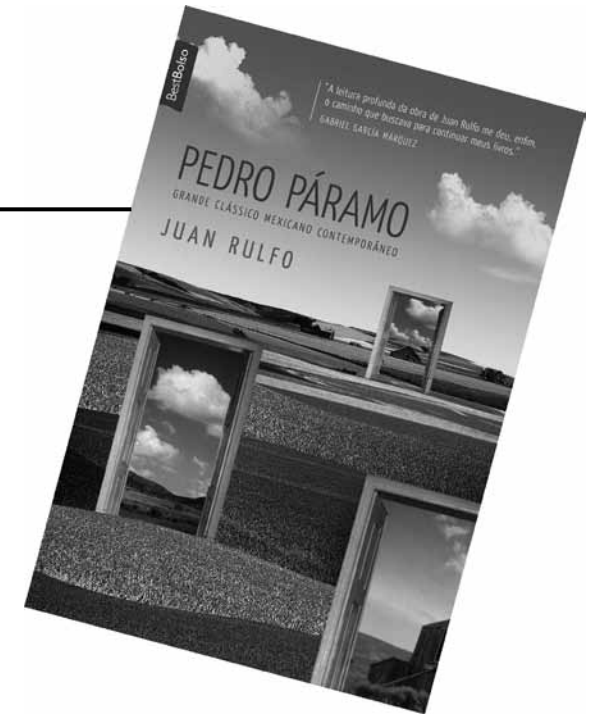


Alvo noturno, de Ricardo Piglia

O professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Claudio Cruz destaca o argentino Ricardo Piglia, nascido em 1941, como um dos nomes mais importantes do pós-boom latino-americano. “No âmbito da literatura argentina, ele enfrentou o fenômeno que o antecedeu no campo cultural e literário de um modo, me parece, mais correto, ou seja, olhando nos olhos da Górgona, para usarmos uma expressão da mitologia que traduz bem o que estamos tratando. Como um escritor argentino, a Górgona — para ele — se chamava Jorge Luis Borges. Piglia refletiu e escreveu muito sobre o autor de *Ficções* e, do meu ponto de vista, saiu-se bem, até onde se pode sair bem desse tipo de enfrentamento”, diz Cruz. Em meio a uma produção consistente, Piglia publicou em 2010 *Alvo noturno*, romance ambientado numa região do pampa argentino durante a ditadura militar na década de 1970 — e o escritor consegue, por meio da ficção, e de uma habilidade narrativa ímpar, jogar luzes sobre um dos grandes dramas argentinos.

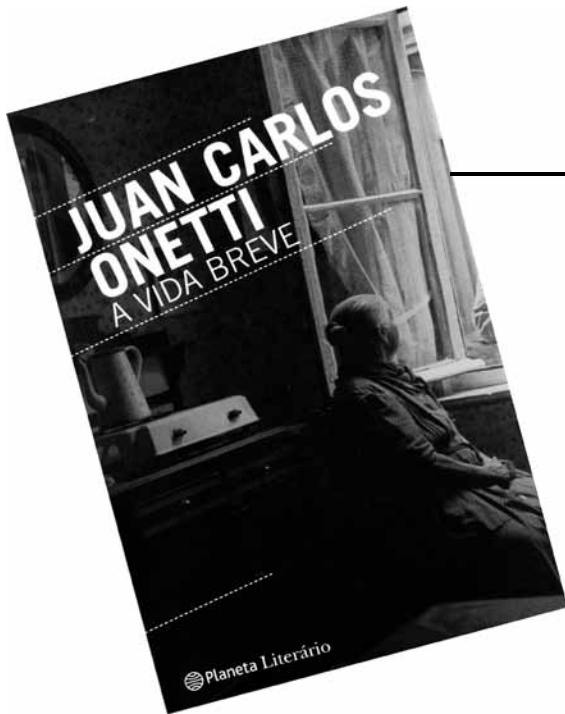
Pedro Páramo, de Juan Rulfo

“Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia meu pai, um tal de *Pedro Páramo*.” O começo de *Pedro Páramo*, romance publicado em 1955 por Juan Rulfo, é um dos mais marcantes da literatura universal, exatamente por levar o leitor, já no início do livro, ao ponto central da obra. O narrador, Juan Preciado, filho de Pedro Páramo, viaja para uma região distante de onde vive em busca do pai. Na jornada, encontra fantasmas, os quais revelam atrocidades praticadas pelo personagem que dá o nome ao romance. Se o enredo já sugere, os estudiosos confirmam: Rulfo, com esta narrativa, antecipou o chamado boom da literatura latino-americana. Sem *Pedro Páramo*, afirmam especialistas, não existiriam *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, nem a ficção de Mario Vargas Llosa e tudo aquilo que posteriormente formou o realismo mágico da literatura hispano-americana. O mais surpreendente do livro é se dar conta de que Juan Preciado não conversa com o leitor, e sim com a sua mãe: mais que isso, ambos, narrador e mãe, estão mortos.



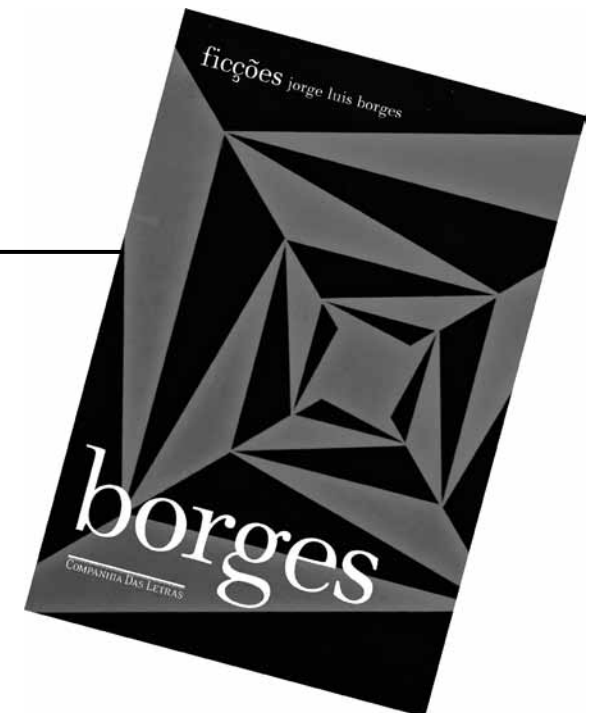
A vida breve, de Juan Carlos Onetti

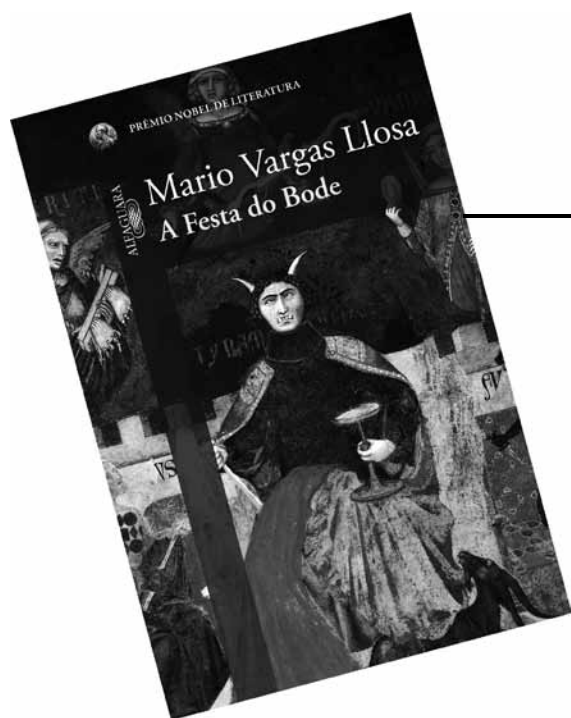
O escritor uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-1994) afirmou: “Escrever é ser como Deus”. Guardadas todas as proporções, ele também criou um mundo, no caso, um universo literário: a imaginária cidade de Santa María. Nesta urbe onettiana se passa *A vida breve*, romance publicado em 1950, um dos marcos da ficção hispano-americana, inspiração direta e indireta para autores como Julio Cortázar e Mario Vargas Llosa. Em *A vida breve*, a esposa do publicitário Juan María Brausen está se recuperando de uma cirurgia, os seus seios foram extraídos, ao mesmo tempo em que, no apartamento ao lado, outra personagem desfruta de tudo o que sexo pode proporcionar. Esta não é apenas a única contradição que a narrativa apresenta: Brausen, publicitário não muito bem-sucedido, pode perder o emprego e, então, decide escrever o roteiro para um filme. Solidão, falta de perspectivas e fracasso iminente, entre outros impasses, estão na atmosfera desta obra, escrita com perícia incontestável. Onetti foi um dos primeiros escritores latino-americanos a receber atenção da crítica nos Estados Unidos e na Europa. Conquistou o Prêmio Nacional de Literatura do Uruguai, o Prêmio Cervantes e uma indicação para o Nobel.



Ficções, de Jorge Luis Borges

Um dos monstros da literatura universal de todos os tempos é o argentino Jorge Luis Borges (1899-1986). Ele antecipou o boom da literatura hispano-americana, já era conhecido antes da visibilidade de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e companhia, mas após o boom, o legado de Borges se espalhou e se consolidou ainda mais. Ensaísta, poeta e, principalmente, contista, o gigante argentino está a cada dia mais onipresente no universo das letras. A literatura do catalão Enrique Vila-Matas, festejado autor contemporâneo, dialoga com a herança borgiana. *Ficções*, publicado em 1944, é um dos modelos exemplares do que Borges produziu e também se revela como uma matéria-prima na qual Vila-Mata se alimenta. Nesta narrativa, há muitos jogos. Os enredos fazem referência a outras obras literárias, proporcionando uma espécie de jogo para o leitor: cada conto de Borges não se encerra com o ponto final — os textos remetem a outros textos e a outros autores, continuamente. Alguns dos mais conhecidos contos do autor estão nesta seleta: “Pierre Menard, autor do Quixote”, “A biblioteca de Babel” e “As ruínas circulares”.



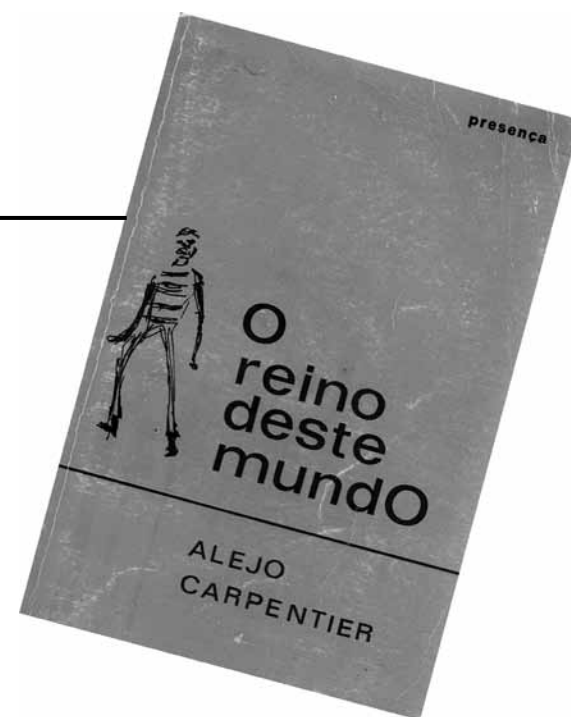


A festa do Bode, de Mario Vargas Llosa

O turista que vai a Punta Cana, na República Dominicana, mesmo com excessos dos resorts, tende a desconfiar do abismo social que separa os poucos ricos dos muitos pobres daquele aparente paraíso de férias. Lá, de fato, tudo é imensamente desigual. E o início dessa aberração foi a “gestão” de Rafael Trujillo (1891-1961) que, com o suporte do governo norte-americano, tomou o controle do país de 1930 até 1961. Trujillo acumulou fortuna, enquanto, no período, a maior parte da população não teve outra alternativa senão viver na miséria. O escritor peruano Mario Vargas Llosa, nascido em 1931, recria por meio da ficção os tempos de Trujillo, conhecido como Bode, no romance *A festa do Bode*. O texto é fluente e forte, como toda a vasta obra do autor que, em 2010, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Llosa gosta, e entende, de política. Em 1990, disputou e perdeu a presidência do Peru, para Alberto Fujimori. Atualmente, é possível ler artigos que o escritor escreve, a cada 20 dias, no jornal *O Estado de S.Paulo*.

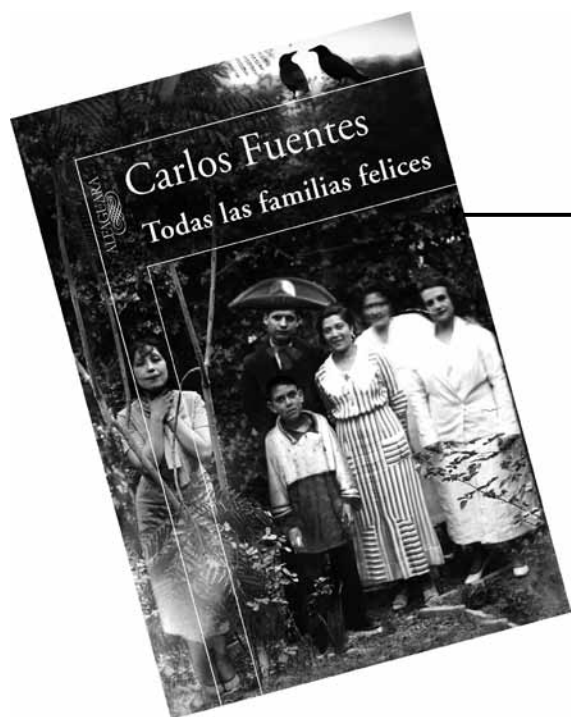
O reino deste mundo, de Alejo Carpentier

O cubano Alejo Carpentier (1904-1980) estudou arquitetura, atuou como músico e se dedicou ao jornalismo. Viveu na França, país de origem de seu pai, na Venezuela e em Cuba. Mas, acima de tudo, foi, e ainda é, um dos grandes nomes da ficção hispano-americana. Um de seus romances mais importantes começou a ser elaborado durante uma viagem ao Haiti, na década de 1940. No prefácio do livro, o autor comenta que, ao visitar o, até então para ele, desconhecido país, teve acesso ao que chamou de “maravilhoso”: “o maravilhoso resulta apenas num guarda-chuva, numa lagosta, numa máquina de costura, ou o que seja, sobre uma mesa de dissecação, no interior de um quarto triste ou num deserto de pedras”. O maravilhoso, uma realidade a respeito do qual ainda pouco havia sido escrita, era — de acordo com Carpentier — o grande patrimônio da América Latina. Ele, então, transformou a experiência que viveu no Haiti, incluindo fatos da história e da política do país, em uma longa narrativa, *O reino deste mundo* — romance publicado em 1948, no México, fundamental para entender o boom.



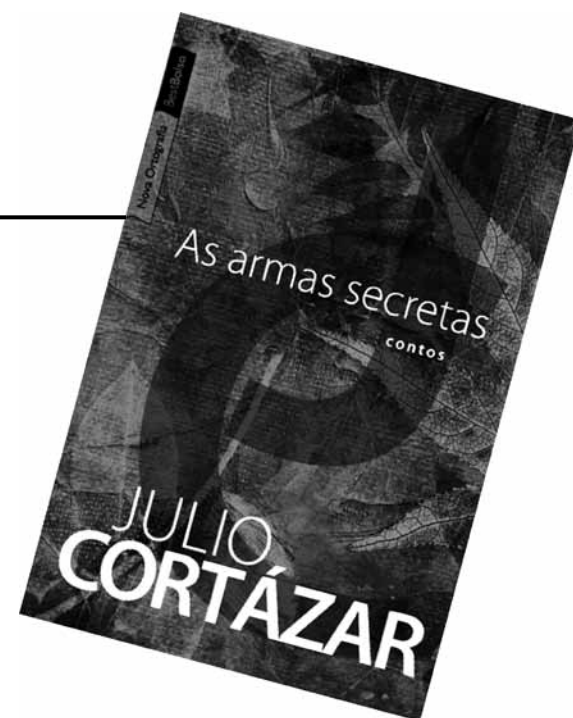
Todas as famílias felizes, de Carlos Fuentes

O título faz alusão a uma conhecida frase, de Tolstói, do romance *Anna Karenina*: “Todas as famílias felizes se parecem; as infelizes o são à sua maneira.” Inclusive, a máxima é mencionada no começo do livro, que reúne 16 contos ambientados na Cidade do México, durante o século XX. Carlos Fuentes (1928-2012) se vale da ficção para apresentar diferentes famílias que enfrentam as engrenagens da máquina do mundo. Muda o endereço, mas os impasses não cessam: o filho do presidente se rebela contra o pai, uma mulher aceita sem reclamar o tratamento cruel do marido, um padre esconde a filha em uma aldeia etc. E, entre um conto e outro, o autor inseriu coros, por meio dos quais recria a oralidade das ruas. No “Coro das mães de ruas”, como o título sugere, o lado adverso do mundo cão é entoado: “Esquisita pariu na rua/ Metade das meninas da rua estão grávidas/ Elas têm entre doze e quinze anos/ Seus bebês têm entre zero e seis anos/ Muitas têm sorte e abortam porque levam tanta porrada/ Que o feto sai berrando de medo.”



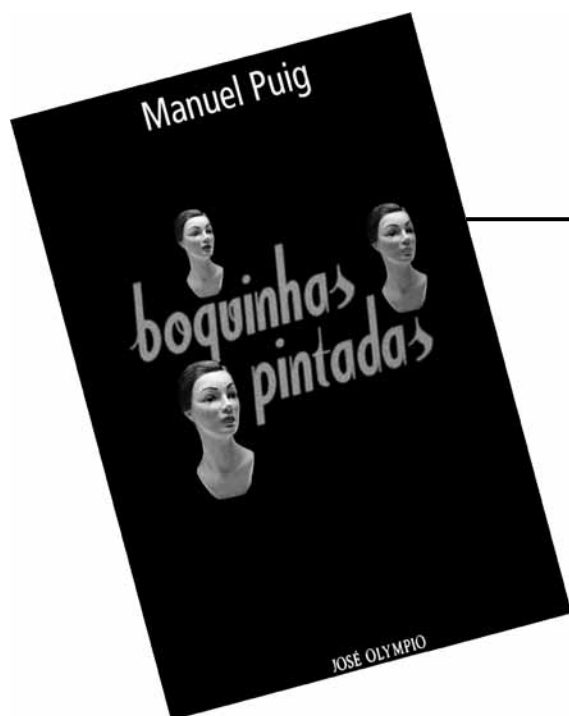
As armas secretas, de Julio Cortázar

Não se pode falar em boom da literatura hispano-americana sem mencionar o nome e a obra de Julio Cortázar (1914-1984). Filho de pais argentinos, nasceu na Bélgica, cresceu na Argentina e viveu por anos em Paris, até os seus últimos dias. Deixou um vasto legado, no qual se destaca *O jogo da amarelinha* (*Rayuela*), de 1963, romance experimental que permite uma série de leituras, do início diretamente ao fim e também a partir de uma sequência orientada pelo autor. Cortázar também se dedicou ao conto e, nesse gênero, também realizou obras notáveis. *As armas secretas*, publicado em 1959, reúne 5 contos, entre os quais “As babas do diabo”, que inspirou Michelangelo Antonioni a filmar *Blow-up* (1966), um marco da história do cinema. Os contos de Cortázar mostram o quanto há de fantástico, talvez até de absurdo, no cotidiano aparentemente banal. Davi Arriguetti Jr definiu a estratégia de escrita do autor: “A prosa, armada com ambígua naturalidade, traz a marca inconfundível do escritor consciente e senhor do ofício, artista moderno que inclui sempre no que faz a consciência crítica.”



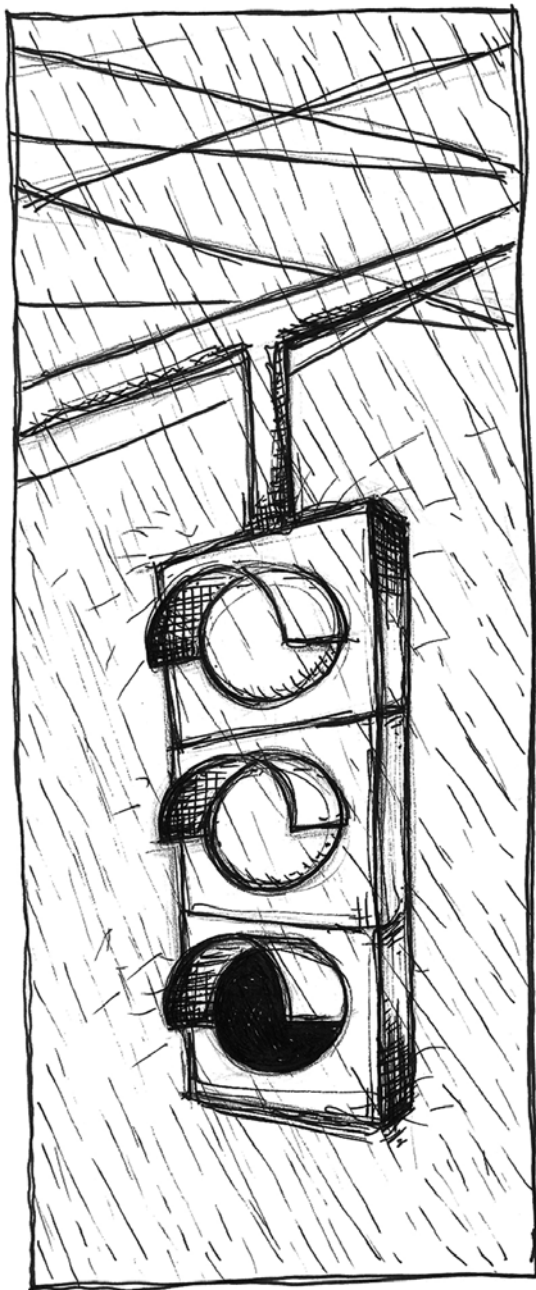
Boquinhos pintadas, de Manuel Puig

Um autor que se destacou em meio a tantos nomes de qualidade na literatura hispano-americana foi Manuel Puig (1932-1990). Fascinado pelo cinema desde criança, na década de 1980 o autor passou uma temporada no Rio de Janeiro com a finalidade de adaptar o romance *O beijo da mulher-aranha* (1976) para o cinema. Longa-metragem lançado em 1985 com direção de Héctor Babenco, a adaptação proporcionou visibilidade em âmbito mundial para a ficção do prosador argentino. Se no romance de estreia, *A traição de Rita Hayworth* (1968), Puig tratou de sonhos e frustrações de uma pequena cidade do interior por meio de uma narrativa linear, em *Boquinhos pintadas*, de 1969, o escritor também problematizou os dramas de quem vive em um povoado, mas por meio de uma narrativa fragmentada simulando um folhetim, incluindo relatos, páginas de diário, trechos de cartas – com diferentes narradores e variados focos narrativos. A tradução de *Boquinhos pintadas* para o português é de Joel Silveira e o trabalho foi elogiado pelo autor: “Esplêndido trabalho. O importante é que o estilo e os tons estão admiravelmente conservados.”



TUDO PODE ACONTECER

Tradução: Mariana Sanchez



Mais um dia de chuva. Contemplo a tarde da sacada de minha casa. Uma moça acaba de pisar na faixa amarela dupla da Avenida San Martín e agora é surpreendida pelo semáforo. Parada no meio da arancada, parece confusa. Os carros são um rio interminável: não há lugar por onde avançar, não há forma de recuar ou de se arrepender. Tenho a certeza de que algo vai acontecer neste instante. Olho os carros estacionados, as pessoas que caminham distraídas; olho as lojas, os resquícios do verão nas vitrines desorganizadas. Tudo continua igual: um cartão-postal em movimento que resiste ao tempo.

A moça dá um passo atrás e um motoqueiro que não consegue frear inclina a moto com seu corpo para não acertá-la em cheio. Passa perto demais, talvez empurrando-a um pouco, porque a moça cai e o motoqueiro, por sua vez, também cai e desliza no asfalto mais de vinte metros. O semáforo muda e os dois têm sorte de os carros param. Ele levanta e caminha, arrastando a moto, até onde está a moça — quase sentada no meio da avenida. As pessoas se amontoam. Posso reconhecer uma

meia-dúzia daqui de onde estou, sentado na sacada de minha casa como no palco de um teatro. Alguém pede aos gritos que não toquem nela e afasta a multidão, empurrando com força. Depois uma sirene, uma ambulância, o carro da polícia.

Continuo no mesmo lugar — na sacada de minha casa. Ainda assustado, embora a rua, pouco a pouco, tenha voltado a ser a de sempre. Ando até a cozinha e ponho água para o mate. Ainda guardo na mente a última imagem da avenida e então de repente, a troco de nada, essa imagem é substituída por outra imagem: a de um sapato. Uma imagem real, quase perfeita: um sapato, com certeza de mulher, jogado no meio da avenida.

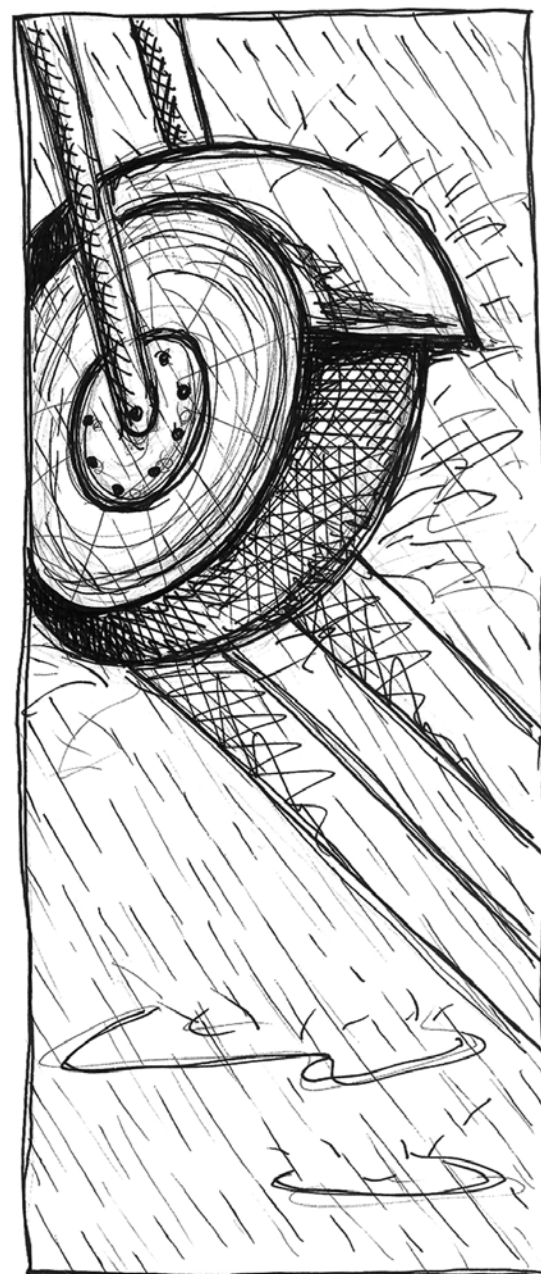
Saio da cozinha, cruzo a sala e vou para a sacada. O sapato está ali, exatamente em cima da faixa amarela dupla, salvo por pouco dos carros que vêm e vão. Saio do apartamento e em duas p Pernadas desço a escada até a portaria. Saio para a rua, espero uma oportunidade e atravesso para buscá-lo. É o sapato esquerdo, com o cadarço perfeitamente amarrado e uma meia soquete azul e branca na parte de dentro. Parece algo

montado, uma brincadeira de mau gosto. Como o sapato pôde ter saído dessa forma? Como o pé pôde sair sem levar junto a meia? Volto ao apartamento e o deixo na cozinha. O sapato agora está ali: molhado sobre a bancada de mármore. Enquanto preparo a erva-mate, me agacho para cheirá-lo. Tem o cheiro que deve ter: de couro molhado. Nada que o relacione à moça do acidente, nenhum cheiro feminino, nenhum perfume. Apenas couro molhado e uma soquete de algodão suja de barro. Olho para ele mais uma vez, depois o deixo, me esqueço, o dia termina e vou dormir.

É a tarde do segundo dia do sapato na minha casa. Sempre no mesmo lugar, agora seco e enrijecido pelo calor da cozinha. Volto a olhá-lo de perto, a cheirá-lo. A meia está pendurada na lavanderia, limpa e úmida, junto com a roupa recém-lavada. Estou descalço, parado sobre o piso de cerâmica. Sento na bancada, desato o nó e tiro o cadarço. Depois tento calçar o sapato. Impossível, é pequeno demais para o meu pé. Mesmo assim não tiro, desço da bancada e caminho assim, com o sapato meio calçado. A altura desigual e a pressão nos dedos me impõem um

passo desajeitado, escandaloso. Fazem eu balançar o quadril como uma velha manca.

Vou até a geladeira, abro a porta e tomo um gole de leite. Depois vou até o quarto. Atravesso a casa toda em direção à sacada. Paro na sala para me ver refletido no espelho que ocupa quase toda a parede de fundo. Caminho de perfil e me olho, primeiro do lado do pé descalço, depois do lado do sapato. Continuo fazendo minhas coisas como se nada tivesse acontecido. Vou ao banheiro e escovo os dentes, preparo um mate. Volto para a sala (quando passo em frente ao espelho me olho dissimulado), pego um livro da biblioteca e sento na poltrona. Cruzo as pernas, a esquerda sobre a direita —, vejo pender dos meus dedos o sapato sem cadarços. Não tenho intenção de ler e então me levanto. De novo até a cozinha, de novo ao banheiro, mancando e arrastando o sapato pela casa toda. De repente me sinto desanimado, envergonhado não sei de quê; sentado na bancada de mármore como se tivesse cumprido meu objetivo, tiro o sapato e o abandono. Deveria jogá-lo fora, penso. Mais tarde, digo, quando tirar o lixo.





É então que eu o vejo: um papelzinho cor de rosa jogado no chão da cozinha. Pego-o e noto que está dobrado. Também está escrito: “J. A. García 1249”, diz. É um endereço, e a poucas quadras de minha casa.

É evidente que o papelzinho estava dentro do sapato. Mas quem teria a ideia de colocar um endereço no sapato como se fosse uma agenda ou algo parecido? Será uma pegadinha que espera terminar com a correspondente entrega a domicílio? Ou será que essa mulher, doida de pedra, pôs uma etiqueta com seu endereço no sapato esquerdo simplesmente porque quis? Desdobro o papel e comprovo que também tem algo escrito dentro. “Tudo pode acontecer e vamos estar sempre felizes e nos amando”, diz. A frase não está assinada, e a letra (tenho certeza) não é da mesma mão que anotou o endereço. A frase tampouco tem sentido assim, solta, escrita num papel que minutos atrás estava dentro de um sapato.

Não posso imaginar o porquê, mas estou na rua. Levando o sapato com a meia dentro de uma sacola plástica. Caminho apressado. O chuvisco ameaça virar chuva torrencial a qualquer momento e chuva torrencial, neste bairro, significa inundação. Por isso caminho apressado. Me sinto incomodado, como se todo mundo soubesse

que estou devolvendo meio par de sapatos velhos.

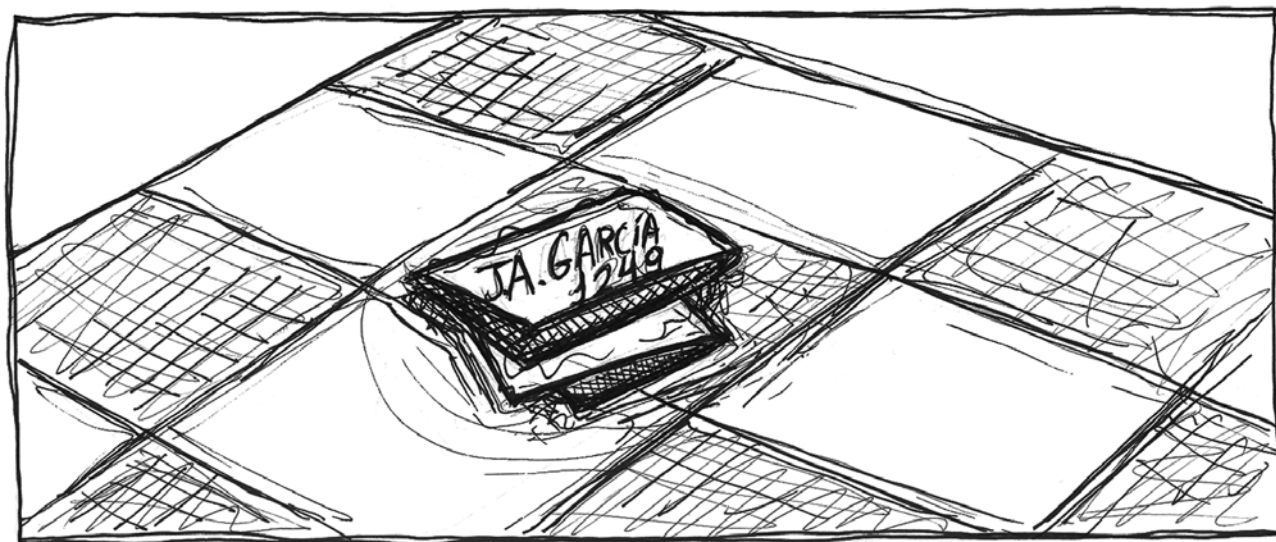
Chego ao lugar e descubro que é um local abandonado: uma porta de enrolar com hastes de ferro, forjada em losangos, impede a passagem. Atrás dela, uma porta vaivém destruída, duas vidraças quebradas e pintadas com cal e um buraco na parede do fundo por onde entra um pouco de luz. No centro, pode-se ver uma espécie de impressora antiga. Não há campainha nem ninguém à vista que possa escutá-la. Não bato. Meto a sacola por um dos losangos da porta de enrolar e jogo-a com força, tentando enfiá-la pelo buraco de um vidro quebrado. A meia sai e cai lá dentro, a sacola engancha e fica pendurada. Está feito, digo.

Agora chove. Olho pela última vez a sacola com o sapato dentro e começo a caminhar. Me concentro nas calçadas, na cor das lajotas. A primeira calçada é amarela, caminho uns passos e ela vira vermelha, com as lajotas estriadas na direção da rua. A próxima é cor de cimento e está bastante estragada. Depois outra amarela, que continua ao virar a esquina. Um mal-estar inexplicável me aperta a boca do estômago. Mais quatro quadras e tenho certeza do que é, mas tento ignorar. O esforço dura duas quadras vermelhas. Paro, dou a volta e caminho até o lo-

cal. Olho a sacola plástica pendurada na ponta do vidro quebrado, o sapato está ali dentro, pequeno demais para o meu pé. Procuo alguma coisa para alcançar a sacola: um galho, um pedaço de madeira. Encontro um papelão duro e o retorço. Meto o papelão e o braço inteiro por um dos losangos da porta, mas mal consigo alcançar o vidro. Não sei se quero pescar o sapato ou jogá-lo lá para dentro. Dou batidas no vidro com a ponta do papelão, que se dobra como se fosse de manteiga.

O que posso fazer agora? Está chovendo a cântaros. Posso procurar uma pedra. Procuo uma pedra. Estou nervoso, tenho medo que alguém me veja. O que iriam pensar? O que eu poderia dizer? “Não está vendo, senhor, que estou devolvendo um sapato?” Jogo a pedra, o vidro se espatifa e a sacola cai do outro lado. Então eu vou embora, primeiro animado, depois com a sensação de ser um idiota, de ter me molhado à toa.

Estou novamente em casa, tomando mate, com uma toalha nas costas, olhando pela janela da sacada. A chuva agora se deixa ouvir com força. Parece que o vento vai varrer a avenida. O sapato não está aqui e é uma ausência estranha. “Tudo pode acontecer e vamos estar sempre felizes e nos amando”, digo, e escuto a chuva que, como o perfume de alguém querido e ausente, invade a noite. ■



Mariana Sanchez é jornalista com especialização em tradução literária pela Universidade Gama Filho e em cinema pela Faculdade de Artes do Paraná. Idealizadora do programa de rádio Orelha do livro, nasceu e vive em Curitiba (PR).

Pablo Ramos nasceu na Grande Buenos Aires, em 1966. Publicou os romances *El origen de la tristeza*, *La ley de la ferocidad* e *En cinco minutos levántate María*, além do volume de contos *El camino de la luna*, todos pela Alfaguara. Com o livro *Cuando lo peor haya pasado*, do qual foi extraído este conto, Ramos venceu o prêmio do Fondo Nacional das Artes da Argentina, em 2003, e o Casa de las Américas de Cuba, em 2004. No Brasil, foi publicado pela Arte & Letra (revista *Estórias*) e integra a antologia *Contos em Trânsito* (Alfaguara, 2014). Vive em Buenos Aires.

O URUGUAIO SEGUIDO DE A INTERNACIONAL ARGENTINA

Trecho de *O uruguaio seguido de A internacional argentina*, reunião de duas novelas do argentino Copi (1939-1987), a ser publicado este ano pela Rocco na Coleção Outra Língua.

Tradução: Carlito Azevedo

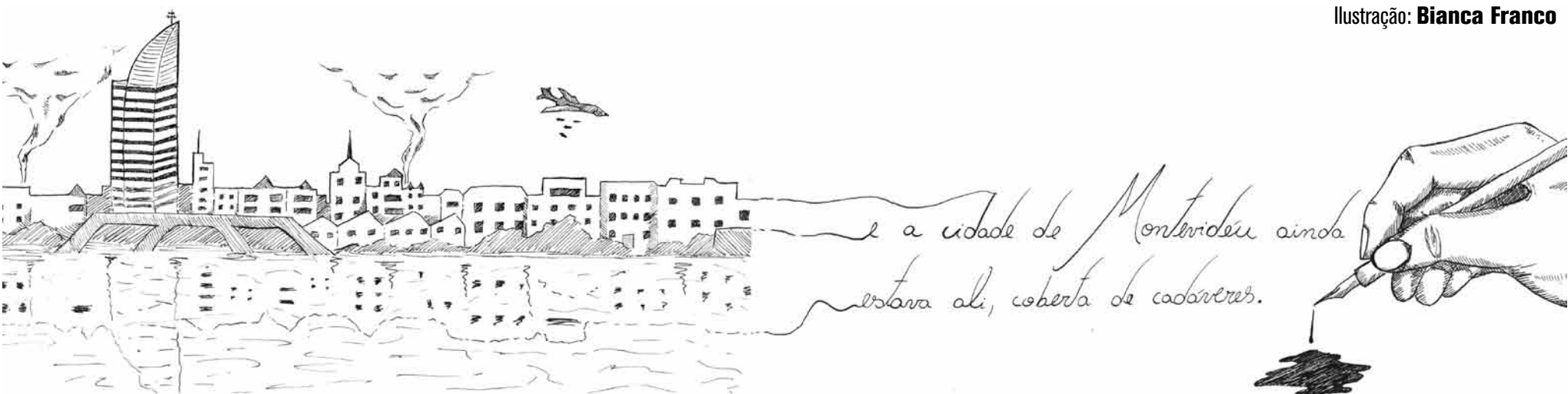
Olá, imbecil. Esta manhã um iate de turistas argentinos atracou na costa e eles me perguntaram se eu precisava de algo, respondi que não. Quando se foram me dei conta de que poderia lhes ter dado esta carta, mas agora é tarde demais. O mar avançou quase um quilômetro. Tive que correr para não ser alcançado pelas ondas. Os frangos flutuam sobre elas e parecem mais felizes, muito menos apressados e histéricos que ontem. O mar demorou três dias para se retirar calmamente, levando consigo toda a areia; e a cidade de Montevideu ainda estava ali, coberta de cadáveres. Ontem à tarde ouvi o ruído de um motor, saltei de minha cama e olhei pela janela: era um caminhão da Prefeitura (Municipalidad) que vinha recolher os cadáveres. Aterrorizou-me a ideia de ser colocado no caminhão junto com

os outros e passei o resto da noite escondido embaixo da cama apesar de em nenhum momento os ter ouvido entrar na casa. Quando finalmente adormeci, tive um sonho estranho que contarei mais tarde, pois o despertar é que foi muito mais interessante. Meu quarto tinha sido literalmente invadido por militares, alguns estavam sentados em minha cama, outros caminhavam para lá e para cá entre o lavabo e o armário, chocando-se às vezes contra as paredes, havia até quatro deles sentados sobre o armário e dois em seu interior; todos fumavam havanas enormes e não paravam de falar, todos ao mesmo tempo. Timidamente, saí de debaixo da cama e então se calaram. Tinham vindo apertar a minha mão, um depois do outro, alguns até me deram beijos na face. Uma menina de uns 6 anos entrou com meu cão empalhado nos braços e o deu

para mim. Quando o tomei, eles todos foram embora em silêncio. Não compreendi absolutamente nada da cerimônia, nem como encontraram o cadáver de meu cão, nem por que vinham entregá-lo a mim. Em todo caso, pareciam tão cordiais que pensei que não devia me inquietar; coloquei meu cão empalhado sobre a lareira, fui ao banheiro e saí para a rua como todos os dias. Isso não mudou tanto comparado com o tempo anterior à catástrofe, excetuando que toda a gente está morta e empalhada. Você vai me dizer que essa é uma diferença notável, mas como nunca tive verdadeiras relações com eles, ao fim de cinco minutos me habituei perfeitamente com isso. Devo lhe dizer que a maneira como estão dispostos é bastante grosseira (logo eles que eram tão meticulosos na escolha de seus lugares!), veem-se, às vezes, montanhas de cadáveres na esquina

de uma rua, alguns jogados sobre os tetos dos automóveis, cheguei a ver alguns presos nas árvores, e os que estão pendurados na janelas estão às vezes postos de cabeça para baixo, o que quer dizer que tudo o que se vê da rua são suas pernas e sapatos. Dir-se-ia que esse trabalho foi feito com pressa e sem convicção. Ao chegar à loja (a mulher negra estava empalhada, debruçada sobre o mostrador) tive a surpresa de encontrar a menina que havia poucos instantes tinha me dado o cão, a qual, vendendo-me ali, foi tomada por uma crise de riso louca e se escondeu atrás do balcão. Peguei um pacote de gauloises e deixei um franco e cinquenta (três pesos e dez) sobre a barriga da mulher negra, depois saí dali e fui à praia (fazia um tempo esplêndido). Ali, encontrei meus amigos militares desta manhã ocupados em medir o poço dos frangos (o que tinha sido

Ilustração: Bianca Franco



o túmulo de meu Lambetta) com cordas. Receberam-me com manifestações de alegria e me ofereceram cigarros. Recusei de forma polida e parece que isso os divertiu, pois começaram a rolar de rir no chão, sobretudo quando me viram acender um gauloise. Quando se acalmaram um pouco, perguntei: “Por qué catástrofe?” apontando para o poço. Ficaram brancos como a neve. Finalmente, um deles deu um passo para frente e sussurrou em minha orelha: “Yo soy el Presidente de la República Oriental” e, me pegando pelo braço, levou-me na direção do mar. Ao chegar à beira, desnudou-se cuidadosamente, dobrando suas roupas e colocando-as sobre a areia. Pareceu-me que devia fazer o mesmo. Quando ficamos os dois nus, os outros, que se mantinham prudentemente a distância, puseram-se a aplaudir e a gritar “viva el diálogo”, imediatamente batemos continência e entramos no mar. A cada onda, o presidente gritava “viva la mar” e pareceu-me que devia fazer o mesmo. A cada exclamação nossa, os outros aplaudiam lá na beira da praia.

Quando deixamos para trás as ondas (o presidente nadava como uma foca, fazendo com a boca um ruído muito desagradável), me disse no tom mais natural do mundo: “Usted presidente?”, respondi “no presidente”, então me olhou fixamente com seus olhos de foca: “por qué?”, me disse. “Não basta querer para ser presidente”, respondi. “Macanas!”, disse ele em tom peremptório. Esse diálogo me pareceu perfeitamente estúpido e voltei às pressas para a beira da praia, e foi quando ouvimos o barulho de um avião. Levantei a cabeça. E em menos tempo do que eu levo para contar isso, o avião lançou uma bomba sobre os militares que tinham ficado na praia. O mar produzia ondas em sentido contrário que quase nos arrastaram longe demais para poder regressar. Alcançamos a areia quase sem ar, e ali encontramos um monte de cadáveres carbonizados sobre a areia negra. O presidente parou diante de cada um deles, pronunciando a palavra “militar” em tom solene, e batendo continência, depois se vestiu do melhor jeito possível, pois suas roupas estavam meio

queimadas (as minhas também, mas pareceu-me que a situação era mais embaraçosa para um presidente do que para mim), finalmente me disse, colocando a mão em meu ombro: “Racconta-me tutto”. Fiz o melhor que pude, começando pela narrativa de meu cão cavando o poço na areia. “Quién culpable?”, perguntou-me quando terminei de falar. “Nosé”, respondi. “Bravo!”, gritou, beijando-me o rosto quatro vezes seguidas. Depois disso entrou com roupa e tudo no mar e começou a nadar; não tinha se afastado nem cem metros quando ouvi o barulho do avião, levantei a cabeça e pouco depois bum! em cheio sobre a cabeça do presidente, de quem não sobrou mais do que uma grande mancha vermelha no mar. Nesse momento, comecei a me fazer perguntas, ou melhor, uma só pergunta: por que eu era o único sobrevivente do Uruguai? Aparentemente havia também a garota, mas logo esse ponto foi esclarecido: ao entrar em minha casa encontrei-a estripada em minha cama. Até amanhã, Mestre. ■

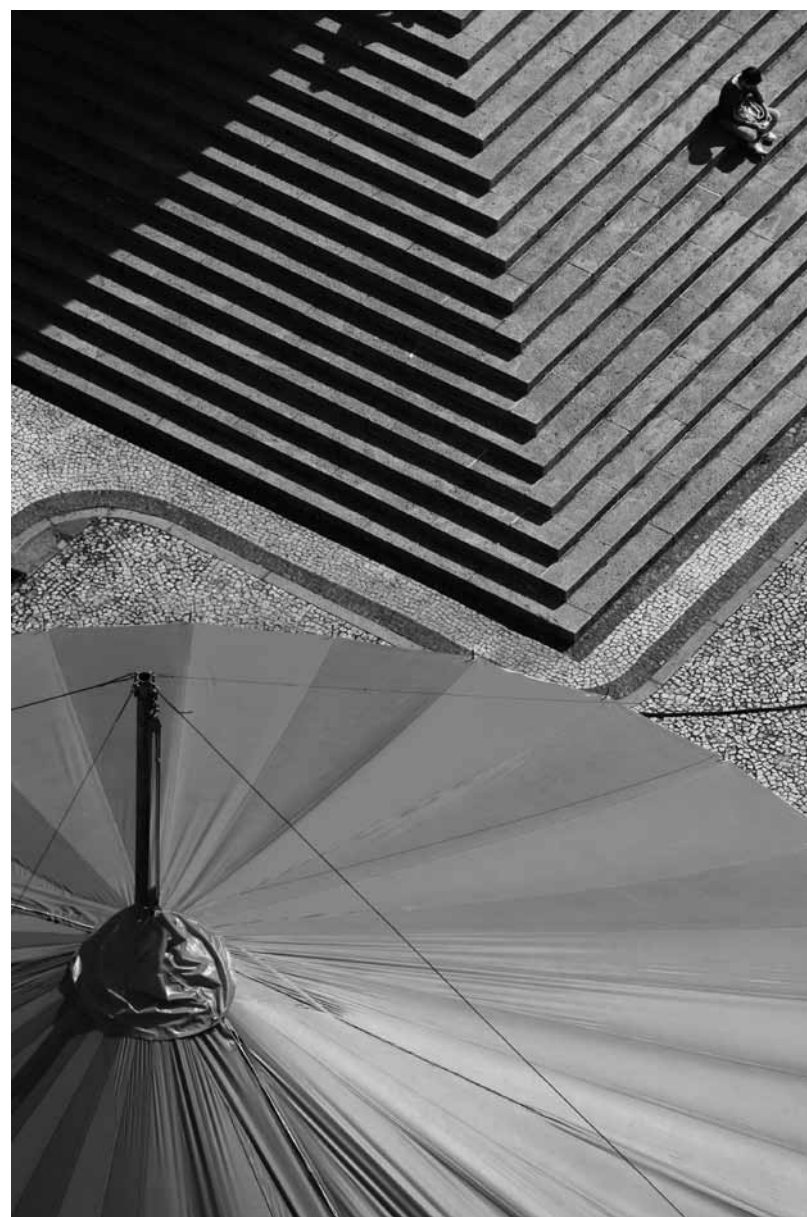
Copi o é pseudônimo de Raúl Damonte, um “argentino de Paris”, como ele mesmo se apresentava. Escritor, dramaturgo, ator e cartunista nascido em Buenos Aires em 1939, mudou-se para a França em 1962 e por lá passou a vida, falecendo em 1987 em decorrência de complicações relacionadas à Aids. Integrante da trupe teatral fundada por Alejandro Jodorowsky, Fernando Arrabal e Roland Topor, desenvolveu vasta obra dramaturgica e cartunística, caracterizada por César Aira como um “barroco de nosso tempo”. No Brasil, teve cartuns publicados pela revista *Status* nos anos 1970, além de reunidas as peças teatrais *Eva Perón*, *Loretta Strong* e *A geladeira* em um volume (2007).

CLIQUESES

EM CURITIBA



Desde o início de sua carreira, em 2006, **Daniel Castellano** tem pautado seu trabalho por um apurado senso de observação e curiosidade em relação à vida cotidiana. Nesta série, chamada de **Periscópio**, em referência ao aparelho óptico que permite ver por cima de obstáculos, Castellano revela imagens de Curitiba por ângulos inusitados, tiradas de cima de terraços, telhados e janelas de prédios do centro da cidade. Em junho, Castellano expõe seu trabalho no Hall Térreo da BPP.





BILHETES PARA WALLACE

O perfume mágico da tua carne. Terreno oscilante. Prego ali minha potência muda do olhar — um geômetra do silêncio. O deslocamento do mundo rumo aos teus olhos negros. Neles me aninho com microfestas. Espero o gêiser da tua gentileza arrebatador mais meu encanto. Me recomponho no visgo do teu suor. És perspectiva colocada no centro do quarto. A galáxia somos nós. A feição de rapaz mulato me rouba a segurança insular. Te vejo oceano, ondas que sabes distender nos braços que te envolvem.

Meu propósito: retalhar tuas carnes. Te cortar em postas. No sangue pelo lençol desenhar hieróglifos. Sinais de tribos velhas. Te temperar com pó lubrifico. Arranco tua medula, teus nervos. Consolação estéril. Dispor de ti. Maneirismo ameríndio. Sou barroco até o calcário do meu vinagre. A equívoca intriga — dançar ao redor dos restos. Estás submetido a mim num vazio em chamas. Minha veneração precisa de escracho. Permitir que andes por aí na fuligem de outros desejos? Mapeio teus destroços. Quando dissolveres a distância, junto cada fragmento — enredo da volta. Assistirei aos nossos paus — gladiadores rompendo o umbigo. No tosão, pequenos animais silábicos. Para tanto fomos feitos com a fórmula de sermos iguais na infinda diferença.

“a liberdade é quanto fazemos”

Marcelo Sandmann

Ávido. Substantivo. Corpo adorado. Mínimo retrato. Fenda no coração. Punção. Pegada. Júbilo. Noivado com a luminescência. Desbravamento. Esperma. Corcoveias. Pânico de luz. Neon da rutilância. Corpo e calor. Troncos, prepúcios, glândulas. Esfuziante apelo. Posse. Magistratura da carne. Quase sangue. Eflúvios. Garras danadas. Costas lanhadas. Paus em ebulição. Bocas que se mordem. Amplexo complexo. Gula oblíqua. Sem medo. Delírio. Tremores úmidos. Cama em ritmo. Lençóis enrugados. Unhas. Dedos devastadores. Pleromas alvíssaros. Cachos encarnados. Cabeça do pau. Jangadas no mar. Espasmos. Cus encurralados. O convidativo cheiro das mucosas. Leão murmurando. Lascívia. Langor. Nervos distendidos.

Paulo Venturelli nasceu em Brusque (SC), mas viveu grande parte da vida em Curitiba (PR). Foi professor no Colégio Medianeira e na Universidade Federal do Paraná (UFPR), de onde se aposenta no mês de junho. É autor do romance gay *Madrugada de farpas*, previsto para sair em 2015 pela Arte & Letra. Os poemas que o **Cândido** publica nesta edição são inéditos e pertencem ao livro *Bilhetes para Wallace*.

